

Jornalismo ambiental e consumo sustentável

(O aquecimento global também tem origem
no consumismo desenfreado)

Pedro Celso Campos*
Universidade Estadual Paulista

Índice

1	O Paradigma do Consumo	4
2	Consumo Globalizado	13
3	Os Inimigos do Meio	29
4	Os Amigos do Meio	40
5	Conclusão	48
6	Bibliografia	49

*Pedro Celso defendeu sua tese de doutorado em 2006, na ECA-USP, sob o título “Jornalismo Ambiental e Consumo Sustentável – Proposta de Comunicação Integrada para a Educação Permanente”, m324 p., sob orientação do Professor Dr. Luiz Barco. Dessa tese foi retirado o presente artigo. É jornalista profissional desde 1969, graduado pela Universidade de Brasília, e há dez anos ensina “Produção Jornalística – Técnicas de Reportagem e Entrevista” e “Jornalismo Impresso III” na Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (FAAC) da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, campus de Bauru, onde, Coordenador de Ensino do Departamento de Comunicação Social.

Resumo

Até quando a natureza suportará o "paradigma do consumo" que norteia, há várias décadas, o comportamento da sociedade humana? Que conseqüências recairão sobre o ecossistema quando a produção de lixo se originar de 9 bilhões de pessoas em meados do presente século - conforme dados da ONU - e não dos atuais 6,5 bilhões? Podemos considerar ético um modelo econômico baseado no produtivismo, que privilegia apenas os lucros e por isto fabrica produtos altamente danosos ao meio ambiente como as embalagens plásticas, por exemplo, ou com obsolescência programada para serem logo repostos, ou nocivos à saúde como pesticidas e até certos alimentos e medicamentos? O que podem fazer os jornalistas por um mundo melhor se eles mesmos acabam se tornando peças de reposição na formidável engrenagem da mídia? Como educar para o consumo sustentável, para o comércio justo se a ética é relegada a plano secundário? Porque a maioria dos governos nacionais não apoia, com legislação adequada, as entidades ambientalistas voltadas para a cultura da paz e a salvação do planeta? Neste artigo veremos que ser um jornalista comprometido com o meio ambiente é aceitar o desafio de mudar o mundo, nada menos.

Palavras-Chave: Consumo Sustentável - Jornalismo Ambiental - Paz - Natureza - Ética - Estética.

Abstract

Until when will nature endure the "consumption paradigm", which has been guiding, throughout decades, human society's behavior? What consequences shall fall upon the ecosystem when garbage production is originated from 9 billion people in the middle of this century - according to UN data - and not from the present 6,5 billion? Can we consider ethical such an economical model that is based in productivism, that benefits only profit and therefore makes products highly prejudicial to environment - plastic containers, for example -, or products that have programmed obsolescence, so that they shall be promptly replaced, or even products that are dangerous to health, such as pesticides and certain foods and medicines? What can journalists do for a better world if even they end up becoming replaceable pieces within the formidable media gearing? How to educate for sustainable consumption or just commerce, if ethics are degraded to second plan? Why most national governments does not support, with adequate legislation, environmental entities that turn themselves to the culture of peace and salvation of the planet? In this article we will see that being a journalism committed to the environment is accepting the challenge of changing the world - nothing less.

Keywords: Sustainable consumption - Environmental Journalism - Peace - Nature - Ethics - Aesthetics.

O problema da sociedade de massa é o consumismo, a superficialidade.

H. ARENDT

1 O Paradigma do Consumo

Em *Philosophiae Naturalis Principia Mathematica*, de 1687, o formulador da teoria da gravitação universal, sistematizador da mecânica e descobridor do cálculo, Sir Isaac Newton (1642-1727), afirma que um novo paradigma somente surge quando o anterior é totalmente explorado em todas as suas variáveis.¹ Com efeito, a transitoriedade dos paradigmas está prevista em sua própria definição, pois são considerados realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência. Temos visto que o Paradigma Medieval – caracterizado pela Escolástica Aristotélico-Tomista, com base no Teocentrismo, onde o homem conquista o paraíso pelo sofrimento e pela submissão à hierarquia – deu lugar, nos séculos XVI e XVII, período que os historiadores chamam de Idade da Revolução Científica, ao Paradigma Mecanicista, resultante das mudanças revolucionárias na física e na astronomia, destacando-se as descobertas de Copérnico, Galileu e Newton. O novo método de investigação, desenvolvido por Francis Bacon, envolvia a descrição matemática da natureza, enquanto Descartes desenvolveu o método analítico de raciocínio (*Cogito, ergo sum* – penso, logo existo). Nesse paradigma a fé é questionada (antropocentrismo), impera a razão, toda a realidade é reduzida à soma das partes, à fragmentação, à especialização.

Mas a passagem de uma sociedade fundamentalmente agrícola-artesanal para o espaço urbano-industrial, que caracterizou a Revolução Industrial nos séculos XVIII e XIX, deu início ao questionamento do pensamento mecanicista, racionalista e reducionista.

¹Citado por K. & HÖSLE, 2001, p. 249.

O sofrimento psíquico causado pela fragmentação do saber, baseada nas técnicas de estímulo-resposta desenvolvidas, no ensino e na psicologia, por Skinner e Pavlov (conhecimento reprodutivista), indicava o esgotamento do paradigma. O homem moderno passou a relativizar os conceitos deterministas, observando que o universo não pode ser uma equação de causa e efeito. A realidade é mais complexa, quando olhada holísticamente, no seu conjunto, com suas nuances e seus detalhes que não podem ser desprezados. O novo paradigma, chamado de Pensamento Complexo ou Era da Incerteza, é assim formulado:

a) Visão sistêmica da realidade, percebendo que os componentes de cada unidade unem-se com finalidade comum, mas o todo não é igual à soma das partes. Deve-se levar em consideração todas as relações: todo + partes + relações entre as partes + relações do todo com as partes + relações das partes com o todo.

b) Percepção de que a visão sistêmica leva à concepção de subsistemas, metasistemas, megasistemas etc formando interligadas cadeias em que tudo se liga a tudo.

c) Ligação de tudo com tudo, que conduz à visão ecológica decorrente da cadeia mente – corpo – outro - grupo social – humanidade – ecossistema - planeta etc.

d) Probabilismo no lugar do rígido determinismo da visão mecanicista ou do fatalismo da visão religionista.

e) Busca de valores espirituais – não necessariamente religiosos ou denominacionais – compatíveis com os anseios místicos e transcendentais do homem neste ciclo histórico.

f) Interdisciplinaridade, como metodologia, para a integração do conhecimento, propiciadora de uma nova atitude mental, de outro nível de complexificação cerebral e de alternativa de expressão do saber.

Mais que uma reunião entre disciplinas no âmbito acadêmico, é um instrumento mental, intelectual, cerebral, que possibilita o inclusivismo, a relativização, a priorização e a capacidade de integração do conhecimento em relação ao objeto a ser conhecido.

g) Convivência com a entropia, propiciando nova concepção de equilíbrio; vigilância sobre o sistema, redirecionando-o em busca de suas metas, atuando probabilisticamente e realimentando-o quando se fizer necessário.

h) Compromisso ético, social e político e a abertura para a transcendência, sem os quais o ser humano não se assume plenamente como tal. (MORIN, [s.d.]).²

Também com um olhar sistêmico, podemos perceber, na sociedade contemporânea, dentre os paradigmas gerais da complexidade ou da incerteza, o paradigma, ou subparadigma do consumo que se impõe como norma de vida no mundo globalizado. Tudo indica que ainda é cedo para vislumbrar nesse paradigma o esgotamento que, segundo Sir Isaac Newton, cederia lugar ao novo paradigma, talvez um retorno à espiritualidade – em bases mais consistentes e esclarecidas que o teocentrismo medieval - à relativização do estetismo consumista, à superação do consumo como um fim em si mesmo. De qualquer modo, há muitas pessoas e organizações, em todo o mundo, empreendendo esforços no sentido de superar esse paradigma. Resistindo à maldição do fatalismo e à peste da desesperança de que fala o poeta uruguaio Eduardo Galeano,³ autor de *As Veias Abertas da América Latina*, elas compreendem que o consumo excessivo é uma doença psicoló-

²Cf. MORIN E. *O Problema Epistemológico da Complexidade*. Lisboa: Ed. Europa-América, [s. d.], passim. Cf. também MORIN, E. *Ciência com Consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000, passim.

³“Navega o navegante, embora saiba que jamais tocará as estrelas que o guiam”. In: “Dom Quixote dos paradoxos”. Envolverde – Revista digital de Meio Ambiente e Cidadania –

gica e uma grande injustiça contra a natureza e os outros homens, conforme tentaremos mostrar neste artigo. Elas também sugerem inúmeras formas de colaborar com o consumo sustentável e ético. Entretanto, os avanços têm sido lentos, embora apresentando um indicativo de crescimento constante, diante dos “recados fenomenais” que a própria natureza está passando ao homem, de forma bastante inequívoca.

O que ocorre hoje é que, influenciados pela mídia, não consumimos porque precisamos de determinados produtos, mas para ter o que os outros têm, para não ficar “diferente”, para ter *status*, para atrair admiração e aprovação, para chamar atenção, para tentar curar nossa ansiedade provocada pela necessidade de *ter* que jamais será saciada...num círculo vicioso que se repete *ad aeternum*, como no torturante Inferno de Dante, sem trazer felicidade ou satisfação, pois é fisicamente impossível ter todas as coisas. É impossível para o homem ter todos os bens e toda a ciência, embora nem sempre ele pareça concordar com esta falta de onisciência e de ubiqüidade ou de poder absoluto. A este respeito, consideremos que o professor de Platão, Sócrates, não apresentava respostas diretas às indagações que os discípulos lhe faziam. Propunha a todos uma atitude de ceticismo, ensinando que só a indagação nos levará à descoberta do que procuramos e que só nos tornamos donos daquilo que nós mesmos elaboramos. Por isto ele partia de uma premissa básica: “*Sei que nada sei.*” Naquela época, conta-se, perambulava pelas ruas de Atenas o filósofo Diógenes. Abandonara todas as suas posses para morar num barril e esmolar pelas ruas, fugindo da falsidade dos pseudos amigos (aqueles que desaparecem quando não podemos mais lhes ser úteis) e da hipocrisia do gênero humano. Costumava usar uma lanterna acesa durante o dia e aos que indagavam a razão, respondia: “*Procuro um homem de bem.*” Uma vez Alexandre, o Grande, que tinha tido Aristóteles como preceptor, na Infância, deparou-se com ele, interpondo-se entre o filósofo e a luz do sol.

<http://www.aw4.com.br/envolverde/materia.php?cod=609>. Acesso em: 3 fev. 2005.

Conhecedor da sabedoria do grego, perguntou o que poderia fazer por ele: “*Basta que me restituas a luz do sol*”, respondeu Diógenes. O ceticismo de Sócrates ou o cinismo de Diógenes podem parecer estapafúrdios aos nossos sensíveis olhos. Mas, infelizmente, todos conhecemos muitas personalidades do nosso glamuroso mundo moderno que se escandalizam com essas lições de humildade, considerando-se alguns centímetros acima da estatura humana convencional por dominarem algumas fórmulas e princípios ou por se darem bem na vida pública, acadêmica, social, ou por estarem momentaneamente em posições de destaque. Mas nada que o tempo não corrija, se lembrarmos a caricatura que Chaplin faz de Hitler em *Tempos Modernos*, na impagável cena do ditador brincando com o globo terrestre, ou como está a nos lembrar a deliciosa poesia de Borges,⁴ ao nos recordar a finitude das coisas e a vaidade de nossas preocupações.

A grande verdade é que, embevecido diante da televisão, por três horas, em média, por dia, o homem moderno revive o Mito da Caverna e passa a acreditar muito mais na imagem do que na realidade. As cores e sons – tal qual o próprio ambiente – parecem falar diretamente ao cérebro, numa sinestesia que “pula” a etapa do olhar,⁵ do meditar, do refletir. É a Teoria da Agulha Hi-

⁴“Se eu pudesse viver novamente a minha vida,
trataria de cometer mais erros.
Não tentaria ser tão perfeito, seria mais relaxado.
Seria mais bobo do que fui;
na verdade encararia muito poucas coisas com seriedade.
;;;;Se tivesse outra vez a vida pela frente ...
Mas já se vai, tenho 85 anos e estou morrendo”.

⁵(JORGE LUIS BORGES – *Instantes.*); “Se corpo e cérebro são indissociáveis [ao contrário do que pensava Descartes] e interagem entre si e com o meio, existem vias que possibilitam esta interação: entre o corpo e o cérebro há aquela [via] mais antiga, em termos evolutivos, que é a corrente sangüínea, transportadora de sinais químicos, como os hormônios, os neurotransmissores e os neuromoduladores; mas também há aquela [via] constituída pelos nervos motores e sensoriais periféricos que transportam sinais de todas as partes do corpo para o cérebro e do cérebro para toda parte do corpo, enquanto entre corpo, cérebro e meio as relações são mediadas pelos aparelhos sensoriais....O

podérmica: As informações são injetadas direto na mente. Como que subliminarmente, as pessoas vão sendo condicionadas a aceitarem os padrões de consumo ostentados nas novelas e filmes, passando a desejar o mesmo brinco da atriz, o mesmo sapato do ator, o mesmo vestido, o mesmo penteado, a mesma bebida, o mesmo estilo de vida ou de comportamento...sem se perguntar: “Eu preciso disto para ser feliz?”.

Indaguemos, entretanto, porque as coisas se passam desta forma no mundo em que vivemos. Porque consumimos tão desenfreadamente gerando tanto lixo e causando tantos danos à natureza? Será que estetizamos o consumo por vontade própria? Por certo que não. Há poderosíssimos interesses que nos empurram permanentemente nessa direção. Também aqui a Teoria Geral dos Sistemas vem nos socorrer, pois nada acontece por acaso. Nem os consumidores, nem os fabricantes, nem os comerciantes, nem a publicidade, nem os meios de comunicação formam sistemas isolados e independentes um do outro. Tudo está imbricado e interrelacionado. Os sistemas funcionam porque estão permanentemente abertos um para o outro, em perfeita sintonia.

Em 1950, um analista de *marketing* americano, Victor Lebow, escreveu que “...*nossa economia altamente produtiva....exige que façamos do consumo um meio de vida...Precisamos que as coisas sejam consumidas, queimadas, desgastadas, substituídas e descartadas a um ritmo cada vez mais intenso*”.⁶ Mas “*a veneração compulsiva no altar do consumo colocou a humanidade à beira*

ambiente deixa sua marca no organismo de diversas maneiras. Uma delas é por meio da estimulação da atividade neural dos olhos (dentro dos quais está a retina), dos ouvidos (dentro dos quais estão a cóclea, um órgão sensível ao som, e o vestíbulo, um órgão sensível ao equilíbrio) e das miríades de terminações nervosas localizadas na pele, nas papilas gustativas e na mucosa nasal. O que está proposto aqui é que os sentidos são as vias de contato entre o que é interno ao homem e o que lhe é externo, e que tais relações não são exclusividade do corpo, mas de um corpo com um cérebro”. DAMÁSIO (2001), citado por TALAMONI, 2003, p. 49.

⁶HALWEIL,B. e NIERENBERG D. *Rumos para uma Economia Menos Consumista*. In “Estado do Mundo, 2004: estado do consumo e o consumo sustentável”/ Worldwatch Institute; apresentação: Enrique Iglesias; tradução

de um abismo ambiental exaurindo recursos, disseminando poluentes perigosos, minando ecossistemas e ameaçando conturbar o equilíbrio climático do planeta. Afastar-se desse precipício exigirá um recuo radical das pretensões humanas sobre os recursos da Terra". ("Estado do Mundo - 2004", p. 121).⁷ Infelizmente, o crescimento econômico infundável, sustentado pelo consumo descontrolado, tem sido elevado ao *status* de religião moderna. Para alguns observadores, produção em massa, consumo em massa e sistemas de descarte em massa são nada menos do que simples necessidade econômica. É isto que explica a pouca durabilidade dos produtos que compramos hoje. Todos eles incluem uma "obsolescência programada", desde as lâminas de barbear que o caixeiro viajante King Camp Gillette começou a vender em 1859, até nossos modernos carros, computadores, geladeiras, demais eletrodomésticos, aparelhos de som etc. É isto que faz a felicidade dos acionistas das grandes corporações, que robustece a conta bancária das agências de publicidade, que alegra os políticos interessados na "felicidade do povo" ("Voltem às compras", pediu o presidente dos EUA, George Bush, após os atentados terroristas de 11 de setembro de 2001).

O que está em marcha, certamente, é uma epidemia difícil de ser enfrentada porque, ao mesmo tempo que o consumismo vicia como as drogas, ele não é atacado como se dá com o uso e o tráfico de drogas. Pelo contrário, ele é realçado, é visto positivamente, como uma atitude "do bem", é glamurizado. Todos estão interessados no festival de consumo em que se transformaram as festas religiosas ou as datas de aniversário.

A família é vista como uma "unidade de consumo" e a publicidade já sabe que pode aumentar as vendas segmentando o público-alvo. Por isto fala diretamente ora às crianças⁸, ora aos

Henry Mallett e Célia Mallet. Universidade Livre da Mata Atlântica-UMA. Salvador-BA, 2004, p. 121.

⁷Estado do Mundo - 2004, p. 121.

⁸Segundo cálculos do Instituto da Criança, órgão que realiza estudos sócio-econômicos sobre a infância, na França, os pequenos influenciam em mais ou

idosos⁹, ora às donas de casa, ora aos adolescentes e jovens etc. Isto conduz a pessoa a contrair a “doença do consumo”. Ela compra livros que jamais terá tempo de ler, assina jornais e revistas que vão para o lixo sem terem sido sequer folheados, compra mais sapatos do que tem capacidade de usar, guarda no armário roupas que ficarão lá com a etiqueta original porque nunca serão usadas, mora em regiões mais baratas da cidade para poder ter um carro importado, compra tudo o que vê no supermercado e depois não tem sequer ânimo de guardar – quando não ocorre de esquecer as compras no porta-malas do carro – vê programas inúteis na TV

menos a metade dos gastos familiares. Por exemplo: determinam 75% das compras de cereais e 73% das de iogurte, assim como o destino das férias (43%) ou as atividades nas horas de folga (72%)...Joël-Yves Bigot, diretor do Instituto, ressalta que há dez anos as crianças influenciavam o consumo a partir dos 5 ou 6 anos...hoje começam a determinar o consumo aos 3 anos e fazem questão das marcas que antes pediam aos 6 ou 7 anos, devido a um relacionamento social que começa mais cedo, inclusive com a escolaridade que, na França, é iniciada a partir dos 3 anos. Citado por “Portal da Família – Filhos do Consumismo, disponível em www.portaldafamilia.org – Acesso em: 7 mar. 2005.

⁹Quando Otto Von Bismarck, o nobre prussiano que fundou o que hoje conhecemos como Alemanha, criou, em 1880, o primeiro plano de aposentadoria alemão, ele fixou a idade de 65 anos como marco de entrada na velhice. A expectativa média de vida era de 45 anos. Hoje pessoas de 70, 80 e até 90 anos se mantêm ativas e movimentam a economia como qualquer outro segmento etário. Estima-se que em 2020, no Brasil, mais de 30 milhões de pessoas terão 60 anos ou mais, representando 13% da população. Em 2000 eles eram 8,6%. Entre os idosos o segmento que mais cresce é justamente o dos mais velhos: no grupo com 75 anos ou mais, o crescimento foi de 49,3% entre 1991 e 2000. Calcula-se que em 2050, pela primeira vez na história da humanidade, o número de idosos no planeta será igual ao número de crianças, situação que obrigará vários países a mudar radicalmente a forma de organização de suas cidades, sua economia e suas instituições, principalmente a Previdência diante do custo que será arcar com as aposentadorias. Também é intensa a participação do idoso na economia. Em 2000 os idosos dos EUA controlavam 70% da riqueza do país, algo como US\$ 7 trilhões, segundo o pesquisador americano Ken Dychtwald. Em 30 anos deixaremos de ser um país de jovens, diz o consultor Ricardo Neves, que estuda as mudanças no comportamento neste início de século. Cf. **Revista Época**, São Paulo, 22 nov. 2004, p. 92-93.

pelo simples hábito de ver perdendo um tempo valioso que poderia ser dedicado ao convívio com a família, os amigos ou a um lazer mais sadio, frequenta restaurantes caros com o cartão estourado por achar que só assim estará demonstrando afeto à pessoa amada...

Como nos defendermos da dependência psíquica do consumo se todos estão interessados em sua permanência e, principalmente, em sua ampliação? Que veículo de comunicação vai dispensar verbas publicitárias se depende delas para sobreviver, reinvestir etc? Que comerciante deixará de anunciar exaustivamente seus produtos pouco importando sua origem, constituição ou destino? Quem se interessa se o produto vem de um país distante, quando poderia estar gerando empregos aqui, ou se é produzido em situações de trabalho infantil ou de escravização de imigrantes, ou se resulta da humilhação de trabalhadores sub-assalariados e submetidos a condições desumanas de produção, ou se o produto em si pode apresentar riscos à saúde, como no caso dos transgênicos ou das embalagens tóxicas, ou se a embalagem do produto vai gerar resíduos sólidos não degradáveis que ficarão poluindo o meio ambiente durante séculos? Quem se preocupa se a propaganda dirigida à criança vai causar sérios problemas de obesidade¹⁰ que a prejudicarão por toda a vida?¹¹

É porque estamos doentes que não fazemos todas essas per-

¹⁰O sócio diretor e vice-presidente de criação da agência de propaganda QG, Sérgio Lopes, reconhece que as campanhas publicitárias conseguem transformar hábitos alimentares e, em alguns casos, realmente levam o público ao consumo exagerado de determinados produtos: “*O principal objetivo da publicidade é convencer o público a consumir o produto anunciado, de preferência várias vezes ao dia. Mas a intenção é divulgar um produto desconhecido e mostrar suas vantagens, e não fazer o consumidor engordar*”, disse à Agência de Notícias da FAPESP em 22 ago. 2005. Cf. [http://www.agencia.fapesp.br/boletim_print.php?data\[id_materia_boletim\]=4212](http://www.agencia.fapesp.br/boletim_print.php?data[id_materia_boletim]=4212) – Acesso em: 22 ago. 2005.

¹¹O Brasil gasta todos os anos R\$ 15 milhões no tratamento de doenças associadas à obesidade, como diabetes, infarto e hipertensão, enquanto uma pesquisa da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) apontou recentemente que 10% dos adolescentes brasileiros entre 10 e 15 anos são obesos. (id. ibid.)

guntas. No máximo separamos o lixo reciclável na cozinha e lavamos as mãos como Pilatos: “*Este problema não me pertence mais*”. Mas quando colocamos o lixo na rua não estamos jogando o lixo “fora”. Estamos jogando o lixo “dentro” do ecossistema. Na calçada de nossa casa a trajetória do lixo não está terminando. Ela está apenas começando. E isto nos diz respeito. Muito. Lembremo-nos que o termo grego “*oekologie*” é composto de duas palavras: *oikos* (casa) e *logos* (estudo, reflexão).

As pessoas que não perderam e jamais perderão a esperança de mudar os rumos do consumismo, de transformá-lo em atitude consciente e de reflexão, convidam-nos a estudar a nossa casa, a olhar para dentro de nós mesmos: “Estou fazendo a minha parte? É suficiente? O que mais posso e devo fazer?”. O questionamento nos leva a compreender que não estamos diante de uma crise de ambiente, estamos diante de uma crise de valores éticos, uma falha moral da sociedade: “*A crise ecológica também é uma crise dos valores humanos, da ética em todas as dimensões, e traz à tona novos pensamentos, novos conflitos, novas possibilidades, novas soluções e novos comportamentos diante do planeta*”.¹²

Os números do consumo mundial demonstram, à exaustão, que não há ética nem estética nesse modo enlouquecido de comprar tudo. Examinemos os números.

2 Consumo Globalizado

Segundo o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA), a parcela da sociedade que está francamente inserida no consumo forma uma classe mundial estimada em 1,7 bilhão de adeptos fiéis, com renda anual média de US\$ 7.000. E, provando que a concentração da renda é o maior de todos os males do

¹²AZEVEDO, G.C. “Uso de jornais e revistas na perspectiva da representação social de meio ambiente em sala de aula”. In: *Verde cotidiano*, p. 68. Cit. por TALAMONI, 2003. p. 61.

mundo moderno (HOBBSAWM, 1995, p. 393, 395 e 397)¹³, mais da metade desses consumidores estão nos países “em desenvolvimento”. Nessas “ilhas de riqueza” do Terceiro Mundo, a palavra-chave é imitar os padrões de consumo da Europa e dos EUA (o que Roberto Campos chama de “crescimento imitativo”)¹⁴, a tal ponto que o Brasil é o segundo maior comprador de aviões executivos do mundo, logo após os EUA, e São Paulo tem uma das maiores frotas de helicópteros do planeta. Ora, se a mídia é mantida pelo capital das elites e se as elites estão de costas para o Brasil, geralmente voltadas para os grandes negócios internacionais, então resulta claro que a mídia, no Brasil, é um negócio das elites, por isto, não está interessada em “notícias menores” que tratam de cooperativas, projetos comunitários, críticas ao modelo consumista, ou líderes carismáticos que enfrentam o poderio americano, como fazem os ambientalistas.¹⁵ Assim, o noticiário econômico, que interessa diretamente às elites, é o principal tema da mídia, conforme denunciado, reiteradamente, no âmbito do Fórum Social Mundial. Até mesmo as receitas culinárias, agora já

¹³“A história mundial dos 20 anos após 1973 é a de um mundo que perdeu suas referências e resvalou para a instabilidade e a crise...A maioria das pessoas se tornou mais pobre na década de 1980 que foi de severa depressão...No Brasil, monumento de injustiça social, campeão mundial de desigualdade econômica, os 20% mais pobres da população dividiam entre si 2,5% da renda total da nação, enquanto os 20% mais ricos ficavam com quase dois terços dessa renda conforme dados do início da década de 1990”.

¹⁴“Entre um terço e a metade da renda dos países periféricos é apropriada pelos que reproduzem os padrões de vida dos países cêntricos, e a outra parte (entre metade e dois terços) divide-se de forma mais ou menos desigual com a massa da população; nesse caso, a minoria privilegiada não pode ir muito além de 5% da população do país”. (Cf. FURTADO, C. *O Mito do Desenvolvimento Econômico*, 1974, p. 84).

¹⁵A primeira entidade ambiental nasceu em 1948, quando foi criada a União Internacional para a Conservação da Natureza (UICN) integrando agências governamentais e órgãos não - governamentais, com o objetivo de garantir os recursos naturais. Com a criação da UICN, os movimentos conservacionistas, inclusive aqueles pela criação de parques nacionais, difundiram-se pelo mundo e foram criadas inúmeras entidades não-governamentais. (Cf. PRADO, N. www.bonsventos.com – Acesso em: 19 out. 2005).

apresentadas com o noticiário, ou os programas vespertinos sobre os bastidores dos famosos ou sobre as grifes da moda, falam de uma realidade que as pessoas pobres desconhecem, falam de um outro mundo, do mesmo modo que a linguagem da mídia é como um código fechado para determinados segmentos de público. As grandes negociatas são noticiadas apenas através do seu potencial explosivo de escândalos, tanto quanto os “espetáculos” ambientais da natureza, como as tsunamis de 2004 na Ásia ou os furacões de 2005 no sul dos EUA. Porém, passado o “efeito IBOPE” capaz de galvanizar a audiência em massa, o tema é totalmente esquecido e a mídia passa batido para o próximo escândalo. Em artigo publicado na **Folha de S. Paulo** em 2005, o então Secretário Geral da ONU, Kofi Annan, disse que é uma vergonha que a ajuda humanitária internacional só se faça presente nos locais de grande sofrimento humano enquanto os holofotes da mídia estão acesos. Reclamou que a mídia não dá o mesmo destaque para regiões de conflitos que estão matando milhares de pessoas no interior da África pelo simples fato que ali vivem pessoas pobres, em cenários de abandono e miséria que certamente não proporcionarão as imagens estéticas e anestésicas que a mídia quer. Enquanto isto, mais de seis mil corpos ficaram sem identificação, dentre os 300 mil mortos do maremoto asiático – ou pelo menos tiveram essa identificação adiada, com grande sofrimento para as famílias – porque os médicos legistas pegaram os aviões de volta para casa assim que a mídia encerrou a cobertura, segundo documentado também na pesquisa quantitativa sobre a presença do meio ambiente na mídia.¹⁶

¹⁶Em 30. ago. 2005, Dia Mundial da Liberdade de Imprensa, o subsecretário geral da ONU para comunicações e informação pública, Shashi Tharoor, divulgou a lista dos 10 temas sobre os quais o mundo deveria saber mais mas que são ignorados ou minimizados pelas redes de televisão e outros canais comerciais de notícias. Esses temas incluem o processo para a paz na Somália, o problema da fístula obstétrica em países pobres, a crise humanitária no norte de Uganda, o desarmamento de ex-combatentes em Serra Leoa, a proliferação de organizações de direitos humanos e a violência contra as mulheres. Também não é dada atenção às escassas possibilidades de os pequenos agri-

Não é difícil perceber que a falta de ética – procedente do mau exemplo das elites arrogantes, bem como de governos corruptos, infelizmente - não é fenômeno recente. É anterior à própria mídia. É que o homem nasce bom, como defendem os humanistas, mas não precisa de muito esforço para desenvolver, logo cedo, a tendência ao egoísmo e ao individualismo, como estudamos em Hobbes.

Os números da ONU revelam ainda que em 2050 o mundo deverá ter 9 bilhões de habitantes¹⁷ e que, se nada for feito para reduzir o consumo, o impacto sobre a oferta de água, a qualidade do ar, as florestas, o clima, a biodiversidade e a saúde humana será extremamente grave. Os efeitos sobre o clima já se fazem sentir com a alteração das estações do ano em todos os continentes, com os desastres naturais denunciando que alguma coisa não vai bem no ritmo das chuvas, das enchentes, do sol escaldante, da estiagem prolongada, com rios e lagos secando até mesmo em regiões de forte concentração hídrica como a Amazônia brasileira. O aquecimento global virou notícia diária na imprensa e todos os governos estão à procura de soluções para evitar a grande catástrofe que seria o derretimento das geleiras e a elevação do nível do mar. O ciclo de produção-consumo-descarte tem tudo a ver com isto. Afinal, quanto maior o consumo, maior a produção e, por decorrência, maior a produção de lixo, gerando maior consumo de energia (que polui, por si só) tanto na confecção dos produtos, como no tratamento e transporte do lixo descartado após o consumo em massa. Entretanto, ainda seguindo os dados da ONU, ao nível das famílias, o consumo mundial foi de US\$4,8 trilhões em 1960, mas em 2000 ele já atingia US\$20 trilhões, devido ao crescimento

cultores de países pobres obterem um preço justo por sua produção, à luta de Granada para se recuperar da devastação do furacão Ivã, ao desenvolvimento como ferramenta de luta contra as drogas, e à preservação ambiental para proteger potenciais curas para numerosas doenças, conforme artigo de Thalif Deen, divulgado pelo Núcleo de Jornalistas Ambientais de São Paulo, disponível em <http://www.jornalistasambientais.com.br/article/articleview/31/1/15/> – Acesso em: 1 set. 2005.

¹⁷World Population Prospects, The 2002 Revision, Nova York, 2003.

da população e à prosperidade em vários países. Aqui é possível notar as grandes disparidades do consumo não-ético, também segundo a ONU: Os 12% da população mundial que vivem na América do Norte e na Europa respondem por 60% do consumo privado global, enquanto a terça parte da humanidade que vive no sul da Ásia e na África Subsaariana, representam apenas 3,2%.¹⁸ Enquanto a pobreza mata uma criança a cada três segundos – ou seja, 1.200 crianças por hora - em algum lugar do planeta, conforme revelou o informe do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – PNUD, em 7 de setembro de 2005, duas entre cada cinco pessoas do globo terrestre, isto é 2,8 bilhões de seres humanos, sobreviviam com menos de US\$ 2 por dia, em 1999, o que as Nações Unidas e o Banco Mundial consideram como mínimo para atender às necessidades básicas. Aproximadamente 1,2 bilhão de pessoas viviam sob “extrema pobreza”, medida por uma renda diária de menos de US\$ 1. Entre os mais pobres estão centenas de milhões de agricultores de subsistência, que, por definição, não têm salário e raramente envolvem-se em transações comerciais. Para eles, e para todos os pobres do mundo, os gastos em consumo resumem-se ao atendimento às necessidades básicas.

Em termos percentuais, o crescimento populacional até 2050 deverá ser de 41%, segundo a Divisão de População das Nações Unidas. Assim, da mesma forma que a crescente demanda de aparelhos eletrodomésticos e automóveis¹⁹ pode acabar com a economia de energia conquistada pelos programas de eficiência em andamento, o crescimento da população mundial ameaça neutralizar

¹⁸Cálculos do Worldwatch Institute, baseados em Banco Mundial, World Development Indicators Database, em: media.worldbank.org/secure/data/qquery.php – Acesso em: 2 jun. 2003. In: "Estado do Mundo-2004", p. 5.

¹⁹As vendas de automóveis na China aumentaram 60% em 2002 e em mais de 80% no primeiro semestre de 2003. A tradicional bicicleta está sendo substituída ao ritmo de 4 milhões de carros novos por ano e até 2015, nesse ritmo, segundo os analistas, 150 milhões de automóveis estarão congestionando as ruas chinesas. (id., ibid.).

qualquer avanço na redução do volume de bens que cada pessoa consome.²⁰

A expectativa do Banco Mundial é que 99% do crescimento populacional se dará nas nações em desenvolvimento, mas embora a população do país mais consumista do mundo, os EUA, aumente a um ritmo de, aproximadamente, 3 milhões de pessoas ao ano, e a Índia aumente em quase 16 milhões, o contingente adicional de americanos causa maior impacto ambiental. Ele é responsável por 15,7 milhões de toneladas a mais em emissões de carbono na atmosfera, contra apenas 4,9 milhões de toneladas na Índia.

Quem está preocupado com o consumo ético, também deve levar em conta a clamorosa injustiça que é a situação da África:

Enquanto boa parte do mundo entrega-se, desregradamente, à farra consumista, das 816 milhões de pessoas que pertencem à Classe de Consumidores nos países em desenvolvimento, apenas 34 milhões são da África Subsaariana, região que – como se vê - tem ficado à margem da prosperidade vivida pela maior parte do mundo nas últimas décadas. Medidas em termos de gastos *per capita* de consumo privado, a África Subsaariana caiu 20% em 2000, em comparação às duas décadas anteriores, distanciando-se cada vez mais do mundo industrializado.²¹

Até 2015 o Banco Mundial prevê que a classe de consumidores globais atingirá 2 bilhões de pessoas, um aporte de 300 milhões de compradores em relação aos números atuais. Apesar da tendência de crescimento do consumo abranger praticamente qualquer tipo de bem ou serviço que esteja à venda, a pressão maior no ecossistema mundial deverá se dar em itens fundamentais como água e alimentos. Em 2000, 1,1 bilhão de pessoas

²⁰"Estado do Mundo - 2004", p. 6 e 7.

²¹id., *ibid.*

não tinham acesso à água potável²² e duas, em cada cinco pessoas, ainda não dispunham de instalações sanitárias adequadas, como uma ligação com sistemas de esgotos ou fossa séptica, ou até mesmo latrina de fossa. O problema era mais grave na zona rural, onde apenas 40% da população dispunham de instalações sanitárias adequadas, em comparação com 85% dos habitantes urbanos,²³ enquanto, nos países mais pobres, uma em cada cinco crianças morre antes dos cinco anos de idade por doenças relacionadas à água, conforme denunciado no Fórum Social Mundial de 2003, em Porto Alegre, durante o seminário “Água para todos”, realizado nos dias 27 e 28 de janeiro.

A questão da água merece um espaço à parte. Esse líquido – que não pode ser visto como uma *commoditie*, tal qual o petróleo ou o cobre, por exemplo, pois é indispensável à vida²⁴, até mais que o próprio alimento - tem estado presente no planeta há pelos menos 3 bilhões de anos, circulando entre terra, mar e ar, num ciclo impelido pelo sol que cria uma ilusão de abundância: ela cai do céu, ano após ano.²⁵ Seu maior volume de consumo se dá na agricultura (70%), seguida da indústria (22%) e das cidades (8%). Acredita-se que a água será motivo de grandes conflitos nas pró-

²²A ONU define como necessidade básica o mínimo de 20 litros por pessoa, por dia, a uma distância de até 1km da moradia do consumidor.

²³Dados sobre água limpa e saneamento do UNICEF, *The State of the World's Children 2003*. Nova York, 2003, p. 95.

²⁴Nós somos água. O corpo de um bebê é 90% água; o corpo de um adulto, 70%. Nosso planeta, à semelhança de nosso corpo, tem 70% de sua superfície coberta por água. Nós nascemos numa bolha de água. No ventre materno passamos nove meses dentro de uma bolsa com o líquido amniótico que contém todas as substâncias necessárias para crescermos até saltarmos para o mundo. Podemos ficar várias semanas sem comer, mas se não ingerirmos líquidos, em dois dias começa o processo de falência múltipla dos órgãos, levando uma criança à morte em cinco dias, e em dez, um adulto. Todas as formas de vida dependem da água. Não existe vida onde não há água. Por isto, do ponto de vista biológico [sistêmico], água e vida não podem ser separadas. Cf. *Água, fonte de Vida* – Campanha da Fraternidade 2004. Manual da CNBB, p.50.

²⁵POSTEL A. e VICKERS A. *Incrementando a Produtividade Hídrica*. In “Estado do Mundo– 2004”, p. 55.

ximas décadas – como se dá hoje com o petróleo – porque sua distribuição é muito irregular no planeta. As regiões hidrologicamente mais ricas da terra concentram 40.700 quilômetros cúbicos de água doce que estão em apenas seis países: Brasil, Rússia, Canadá, Indonésia, China e Colômbia. Assim, enquanto o Canadá apresenta um índice de 92.000 metros cúbicos de água por habitante, a Jordânia tem 138, Israel tem 124 e o Kuwait não tem praticamente nada. Mas também dentro dos países a distribuição é irregular. No caso do Brasil, por exemplo, a maior quantidade de água está na região norte, onde a população é menor, enquanto o sul/sudeste, com maior demanda populacional e industrial, precisa racionar para não ficar sem. Isto também ocorre na China. Lá, entretanto, o problema é mais grave por causa do contingente populacional. O país tem 21% da população mundial, mas apenas 7% da água doce do planeta e a maior parte encontra-se na região sul. A Planície Norte da China, que inclui o Rio Amarelo, é uma das regiões mais populosas do mundo com escassez hídrica. Abrigando cerca de 450 milhões de pessoas, seu suprimento *per capita* é de menos de 500 metros cúbicos por ano, quase igual à Argélia. Quase todo ano o baixo Rio Amarelo seca completamente antes de alcançar o mar. No entanto, a Planície Norte é responsável pela produção de um quarto dos grãos da China. Isto tem sido possível através da intensa exploração dos lençóis freáticos que, por isto mesmo, estão caindo a uma taxa de 1 metro a 1,5 metro ao ano.²⁶ Assim, quando compra soja do Brasil, em grandes quantidades, na verdade a China está importando água, pois são necessários um milhão de litros de água para a produção de 1 tonelada de soja, segundo Lester Brow, do Worldwatch Institute.²⁷

Quem mais pressiona os recursos hídricos do planeta são os EUA, onde é comum manter jardins e áreas verdes “sempre ver-

²⁶id. *ibid.*

²⁷Cf. *Escassez de Água contribui para Déficit na Colheita Mundial de Grãos*. Lester Brown. In <http://www.wiuma.org.br/> Acesso em: 30 .mai.2004.

des” o ano todo, nas repartições públicas, nas grandes empresas, nas residências.²⁸ Desse modo, enquanto o cidadão da Etiópia consome 42 metros cúbicos de água por ano e o nigeriano 70, o morador dos EUA tira, da natureza, 1.932 metros cúbicos de água/ano. Para atender às Metas do Milênio, aprovadas em 2000 pela Assembleia Geral das Nações Unidas e reafirmadas na Cúpula Mundial de Joanesburgo em 2002, as nações comprometeram-se a reduzir à metade, até 2015, a proporção de pessoas sem acesso à água potável e ao saneamento básico.

Quem pensa em consumo ético, deve lembrar que ao optar por carros mais potentes, mais gastadores de gasolina, não está apenas lançando mais gases estufa na atmosfera, também está gastando mais água, pois o processo de produção de um litro de gasolina, do poço à boca do tanque do carro, consome 18 litros de água. Entretanto, ao optar por materiais recicláveis – em substituição a produtos virgens – estamos economizando água. O reprocessamento da sucata de alumínio, por exemplo, resulta na economia de 17% menos água que no processamento do alumínio bruto.²⁹ Se os governos tivessem a boa vontade de desenvolver um bom programa de rotulagem que ajudasse o consumidor a identificar a origem do produto que está comprando e qual sua intensividade em energia e água, por exemplo, o consumidor poderia fazer escolhas melhores. Infelizmente, pelo menos no Brasil, até mesmo os rótulos dos produtos agrotóxicos são apresentados em letras muito miúdas que dificultam o entendimento das normas de segurança, levando a muitos casos de intoxicação e morte, como denuncia o ex-ministro do meio ambiente, José Lutzenberger.³⁰

²⁸A irrigação diária dos gramados e jardins dos Estados Unidos consome cerca de 30 bilhões de litros de água, um volume que encheria 14 bilhões de pacotes de 6 latas de cerveja. O gramado médio consome 38.000 litros por verão. Os Estados Unidos também possuem cerca de 60% dos campos de golfe mundiais e seus 700 hectares absorvem cerca de 15 bilhões de litros de água por dia. (Cf. Estado do Mundo – 2004, p. 72).

²⁹Estado do Mundo – 2004, p. 60 e 76.

³⁰“De todas as orgias de venenos a que somos submetidos, talvez a mais absurda seja a dos domotóxicos, os venenos que cada dia mais se aplicam em

A falta de informação, muitas vezes, é que leva ao consumo insustentável. Quando preferimos a água mineral engarrafada, por exemplo, estamos em busca de segurança alimentar e nos sentimos muito bem informados com isto. Mas ninguém nos diz que os lençóis freáticos podem estar contaminados com pesticidas ou que os garrafões plásticos podem transportar bactérias durante o manejo ou que o próprio plástico PET que embala a água pode conter produtos químicos poluentes. Um estudo quadrienal do Conselho de Defesa dos Recursos Naturais testou mil garrafas vendidas nos EUA e detectou que um quinto continha produtos químicos tais como tolueno, xileno ou estireno – tidos como, ou com possibilidades de serem cancerígenos – e neurotoxinas. Na Índia, testes realizados em fevereiro de 2003 pelo Centro para Ciência e Meio Ambiente encontraram níveis altos de pesticidas em amostras de água, resultando na retirada de certificados oficiais de qualidade de uma série de marcas e em advertências dirigidas à Coca-Cola e PepsiCo. A própria Perrier fez um *recall* mundial em 1990 por causa de alto nível de benzeno em seu produto.³¹

Nos lugares onde há água de boa qualidade, basta retirá-la da torneira e filtrar, mantendo-se o filtro sempre limpo. Outra solução é cobrar das autoridades mais rigor na fiscalização da água engarrafada que disparou a produção de PET no mundo, passando de 738 milhões de quilos em 1999, mais que o dobro do volume produzido em 1990. Porém, se é para ser politicamente correto, também vale lembrar que a produção de 1kg de plástico PET re-

nossos lares e logradouros públicos. Os supermercados, armazéns e botecos estão cheios de inseticidas, repelentes, aromatizantes, desinfetantes, em embalagens atrativas, às vezes adicionadas de presentes para as crianças. Na TV se podem ver anúncios como aquele do bebê dormindo enquanto a mãe aplica um *spray* de inseticida contra o mosquito em torno do berço... Venenos como carbamatos, dicloros, diazinon, ácido crisantêmico e tantos outros – vendidos sem nenhuma advertência quanto à sua real periculosidade – podem atacar o sistema nervoso central ou o sistema respiratório ou causar problemas no sistema imunológico, renal, hepático e demais sistemas do organismo. In LUTZENBERGER: 2004, p. 30.

³¹Estado do Mundo – 2004, p. 106 - 107.

quer 17,5 kg de água e resulta em emissões de 40 gramas de hidrocarbonetos, 25 gramas de óxidos sulfúricos, 18 gramas de monóxido de carbono, 20 gramas de óxido de nitrogênio e 2,3 gramas de dióxido de carbono. Gasta-se mais água para produzir a garrafa de água que a água contida no vasilhame. No caso do vasilhame *one way*, aquele que jogamos “dentro” do ecossistema, ele vai demorar 400 anos para se incorporar à natureza, o que pode ser adiado se for para a reciclagem, gerando alguma renda para os catadores e economizando água na produção de PET.

Sobre a água disponível, diante do crescimento populacional e da exclusão sócio-econômica, a ONU adverte que faltará água potável para 40% da humanidade em 2050, enquanto especialistas antecipam esse prazo para 2025.

O outro desafio para os planejadores, nas próximas décadas, será produzir calorias para alimentar 9 bilhões de pessoas. A maior fonte de caloria vem da carne. Em 2020 as populações dos países em desenvolvimento consumirão mais de 39kg por pessoa, o dobro do que se comia nos anos 80. Nos países industrializados, todavia, as pessoas ainda consumirão o maior volume de carne – 100 kg por ano em 2020, ou o equivalente à lateral de um boi, 50 frangos e 1 porco, sendo a China o maior consumidor mundial de carne suína. Esses números, entretanto, poderão sofrer alterações, na medida em que vai crescendo a conscientização sobre os benefícios da substituição da carne pelo pescado, pelos vegetais,³² ou mesmo diante da preferência dos consumidores de carne por

³²Cientistas afirmam que uma dieta baseada em frutas, legumes e verduras pode reduzir em até 70% o risco de alguns tipos de câncer e em 80% os males cardíacos, desde que o indivíduo não seja fumante e sedentário...Outros especialistas pregam que uma dieta sadia não apenas retardaria o processo de envelhecimento, mas rejuvenesceria uma pessoa em até 20 anos, visto que poderosos antioxidantes naturais presentes nas frutas e verduras, bem lavadas, combatem os radicais livres que são moléculas tóxicas que se formam no processo de conversão do oxigênio em energia para o corpo. Cf. Instituto Akatu pelo Consumo Consciente.....http://www.akatu.org.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?tpl=view_tipo2&sid=10&inford=...Acessado– Acesso em: 12 fev. 2005.

produtos que tragam a certificação “Criado a Pasto”. Diante do custo da terra, criar o animal a pasto fica muito mais caro, o que frearia a produção. Atualmente os criadores procuram atender à demanda crescente através do sistema de confinamento. Entretanto, vacas e bois são ruminantes, o que significa que digerem gramíneas, leguminosas e resíduos agrícolas. Mas sua ração em confinamento consiste em um misto de milho e soja, o que proporciona aquisição de peso rápido. Isto resulta em mais lucros para o criador, mas em sofrimento para os animais que, também devido à falta de movimentação pelo pasto, tendem a sofrer de inchaço, acidose, abscessos hepáticos, gases – que aumentam o efeito estufa – e outros sintomas dessa dieta rica. Os alimentos artificiais podem transmitir doenças às vacas e a fabricação de ração com resíduos de outros ruminantes gerou a doença chamada “vaca louca”. Além do mais, o uso do esterco do gado confinado – cujo manejo torna-se difícil devido ao acúmulo, o que não se daria com a criação a pasto, naturalmente – na adubação de hortas pode contaminar hortaliças e legumes. Para se prevenir, o criador recorre aos antibióticos. Nos EUA o gado bovino consome oito vezes mais antibióticos que os seres humanos, o que, segundo a FAO, vem ajudando a criar micróbios resistentes a antibióticos e dificultando o combate às doenças.³³ Quem se preocupa com o meio ambiente também busca maiores informações sobre a situação de *stress* e de sofrimento que os animais enfrentam na hora do abate³⁴, ainda que o uso de potentes pistolas pneumáticas seja descrito como “abate humanitário”. Pelos abatedores, claro.

³³“Estado do Mundo – 2004”, p. 90.

³⁴“O cheiro de sangue é forte e pode ser sentido de longe. No mercado a céu aberto, o cliente escolhe o animal que lhe parece mais suculento. O golpe na virilha do cachorro é rápido, mas a morte não vem depressa. O sofrimento dura alguns minutos. Os animais que recebem o golpe na jugular têm mais sorte. Mas os abatedores de cães temem a mordida e preferem atacar o animal por trás [...] Essa cena se repete diariamente na China. [...] Não há diferença entre matar um cachorro e um boi para comer. O raciocínio vale também para o esfolamento de galinhas, porcos e outros animais. Tortura, dor, sofrimento, desolação. Animais de várias espécies são tratados como mercadoria, apenas mais um bem de consumo. Morrem covardemente e seus cadáveres são ven-

Na produção da carne de frango o processo industrial é igualmente constrangedor para um olhar humanamente mais sensível. Nos enormes galpões das granjas, o frango de corte é apinhado em compartimentos com pouco espaço – 22 cm x 22 cm cada um – com dias artificialmente longos porque os compartimentos, sem janelas, são iluminados até 23 horas ininterruptamente. Essas aves comem, diariamente, 0,86kg de ração especialmente formulada, podendo conter antibióticos e estimulantes de crescimento. Embora eficientes na conversão de grãos em proteínas, os frangos são vulneráveis a doenças respiratórias, devido às condições em que são criados. Por isto os criadores recorrem a mais antibióticos, já não mais capazes de evitar epidemias que levaram ao sacrifício de milhares de aves em Hong Kong em 2004. Em 2002, um estudo averiguou que 37% dos frangos destinados ao corte, encontrados nos principais fornecedores, estavam contaminados com patógenos resistentes a antibióticos. As aves ganham peso com tanta rapidez que muitas vezes não suportam o peso do próprio corpo e morrem de ataque cardíaco³⁵. Por isto existem programas de certificação para granjas que voltam a criar as aves ao ar livre, como antigamente, para que possam ciscar, se movimentar, fazer seus ninhos etc. Um programa sério de rotulagem poderia exigir que os fabricantes incluíssem tal informação nas

didos aos pedaços. Crescem em ambientes naturais agressivos à sua natureza. [...] Haverá um momento em que o homem, auxiliado por um novo tipo de abolicionistas – que falam por seres que não podem falar por si – saberá que os outros animais não são sua propriedade. São seres com direito à vida. Enquanto esse dia não chega, pagamos um alto preço sofrendo de doenças ligadas ao consumo de produtos animais: obesidade, doenças cardiovasculares, diversos tipos de câncer, alergias” etc. *Esta é parte de um artigo que o nutricionista George Guimarães, especialista em nutrição clínica e nutrição vegetariana, e-mail nutriveg@iname.com, publicou na revista Superinteressante de dezembro de 2000, com o título “Vegetarianismo radical”, no qual defende a filosofia “vegan”, cujos seguidores se abstêm de consumir qualquer produto animal, incluindo leite, ovos, mel, couro, lã, seda, cosméticos que tenham sido testados em animais etc.*

³⁵Cf. “Estado do Mundo – 2004”, p. 109.

embalagens dos produtos, favorecendo a opção do consumidor consciente.

Os processos operacionais de produção de carne e de água potável, também envolvem grande consumo de energia. Assim, a geração de energia será outro desafio com o crescimento populacional, tanto para uso doméstico e industrial como para a movimentação da crescente frota mundial de veículos. Janet L. Sawin trata desta importante questão no Relatório sobre o Estado do Mundo – 2004.³⁶ Segundo ele, raramente pensamos de onde vem a energia, quanto consumimos ou quanto realmente precisamos ou, ainda, o impacto que nossos carros causam na alteração do clima com a queima de combustíveis fósseis.

Também aqui os maiores problemas ao meio ambiente são causados pelos países ricos. Eles consomem 25 vezes mais energia, *per capita*, do que os pobres. Enquanto 2,5 bilhões de pessoas, a maioria na Ásia, dispõem apenas de madeira ou outra biomassa para sua energia, o cidadão americano comum consome cinco vezes mais energia que o cidadão global, 10 vezes mais que o chinês e quase 20 vezes mais que o indiano. Em muitas residências dos EUA a quantidade de carros na garagem é maior que o número de pessoas dentro de casa. A maioria das famílias possui dois ou mais carros. Com apenas 2% das reservas globais e 4,5% da população mundial, os EUA duplicaram o consumo de energia a partir de 1960 e hoje são o maior consumidor mundial de petróleo. Um quarto dos 531 milhões [dados de 2003] de veículos movidos com energia de origem fóssil que compõem a frota mundial circulam nas estradas americanas. Anualmente são produzidos 11 milhões de novos veículos. O que aumenta o consumo é a ineficiência dos transportes públicos que induz ao excessivo uso do carro particular. Há um século os EUA lideravam o mundo em transporte público, mas após a II Guerra o governo deu ênfase à construção de rodovias e auto-estradas [fenômeno que muitos países periféricos, como o Brasil,³⁷ imitaram], sabendo-se que os

³⁶Cf. Escolhendo Melhor a Energia, cap. 2, p. 28 - 51.

³⁷No Brasil, 20 milhões de veículos contribuem com 70% da poluição at-

caminhões requerem quatro a cinco vezes mais energia que as ferrovias ou os navios para transportar o mesmo peso à mesma distância. Já na Europa e no Japão, os governos fizeram a opção pelos trens e ônibus, após a II Guerra. Hoje, quase 92% das pessoas que se deslocam ao centro de Tóquio utilizam trens. Os europeus ocidentais utilizam transportes públicos em 10% de seus trajetos urbanos e os canadenses 7%, contra apenas 2% dos americanos. Isto é significativo porque para cada quilômetro rodado consome-se duas a três vezes mais combustível do que por transporte público. Também o consumo dos aviões deve ser levado em conta: Apenas 0,5% da distância total que as pessoas percorrem anualmente, no mundo, é realizada pelo ar; entretanto os aviões consomem cerca de 5% dos 30% da energia global destinada aos transportes.³⁸

Os eletrodomésticos também pesam no consumo de energia. Eles são responsáveis por 30% do consumo de eletricidade dos países industrializados e 12% das emissões de gases estufa. Até

mosférica nas cidades. Só em São Paulo, ônibus, caminhões, automóveis e motocicletas são responsáveis por 90% do monóxido de carbono, cerca de 60 a 80% das partículas em suspensão e 80 a 90% de outros poluentes, causando sérios danos à saúde da população e ao meio ambiente. Cf. *Energia, a ordem é economizar*, folheto distribuído em 2005 pelo MME em campanha permanente pela redução do consumo.

³⁸Um estudo do Stockholm Institute da Universidade de York, conduzido pelos professores John Whitelegg e Howard Cambridge, em 2004, revelou que o aumento das viagens aéreas, estimulado pelas reduções de tarifas oficiais, é uma das maiores ameaças ao meio ambiente mundial e que os planos do governo britânico de expandir aeroportos estão em conflito direto com as metas de redução de emissão de gases causadores do efeito estufa. Eles defendem que as companhias aéreas paguem taxas de poluição para compensar o dano causado, que os aeroportos sejam tratados como complexos industriais – como já ocorre com o aeroporto de Zurique, na Suíça –, que o setor privado deveria incentivar a vídeo-conferência para evitar viagens, que pelo menos a metade dos passageiros deveriam chegar aos aeroportos por meio de transportes públicos e que jornadas inferiores a 650km deveriam ser feitas de trem, o que eliminaria 45% dos vôos, na Grã-Bretanha. Cf. BBC Brasil.com: http://www.bbc.co.uk/portuguese/ciencia/story/2004/07/040704_aviationtp.shtml, acesso em: 04 jul. 2004.

mesmo a energia de *stand-by* - a eletricidade consumida quando computadores, aparelhos de fac-símile, estéreos, televisores, fornos de micro-ondas e muitos outros estão “desligados” mas não desconectados – precisa ser lembrada, pois ela representará 10% do consumo mundial em 2020, exigindo quase 400 usinas adicionais de 500 *megawatts* que emitirão mais de 600 milhões de toneladas de dióxido de carbono anualmente. Com base nas políticas vigentes, se não houver redução do consumo³⁹, a Agência Internacional de Energia prevê a duplicação da demanda até 2030.

A produção de alimentos requer, igualmente, volumes maciços de energia. Embora grande parte venha do sol, 21% da energia fóssil que consumimos destina-se ao sistema alimentar global. David Pimentel, da Universidade Cornell, estima que os EUA destinam cerca de 17% de seu consumo de combustíveis fósseis à produção e consumo de alimentos, sendo 6% para a produção agropecuária, 6% para processamento e embalagem e 5% para distribuição e cozimento.

Apesar de inúmeros programas de contenção em andamento no mundo, o consumo de energia nos países em desenvolvimento – onde vivem 75% da população mundial – aumentará mais de oito vezes até 2050. Poderá a Terra sustentar nossas necessidades crescentes de energia no século XXI? Ninguém sabe.

O que precisamos ter em mente é que não estamos sozinhos no mundo. Toda vez que ligamos um interruptor elétrico ou viramos a chave do carro, desencadeamos todo um processo de consumo que, somado ao consumo de outros bilhões de pessoas, forma a

³⁹O Ministério do Meio Ambiente, no Brasil, faz uma campanha permanente pela redução do consumo de energia. Um de seus folhetos lembra que o país possui “um dos maiores parques hidrelétricos do mundo, responsável por 88,5% da nossa geração de energia elétrica”. Mas acrescenta: “Ao contrário do que muita gente pensa, as hidrelétricas também poluem. A decomposição da vegetação submersa emana gases do efeito estufa, como metano, gás carbônico e óxido nítrico”. Mas a formação dos lagos também destrói a fauna e desaloja famílias. Só na construção de Itaipu foi inundada uma área de 1.350 quilômetros quadrados.

massa do consumo mundial de energia com todas as suas conseqüências para o meio ambiente.

A produção de alimentos e de água doce, bem como a produção de energia fóssil ou elétrica, e tudo o mais que o homem consome, geram resíduos gasosos, líquidos ou sólidos que poluem o meio ambiente. Veremos a seguir o impacto do lixo no cenário mundial e imaginemos o que isto poderá custar ao ecossistema se o consumo não for contido e se o lixo e a água não puderem ser reaproveitados em outras atividades humanas, através da reciclagem e do reuso.

3 Os Inimigos do Meio

O lixo urbano é a parte mais visível entre os sólidos que incomodam o meio ambiente devido ao fenômeno da urbanização que se intensificou depois da II Guerra Mundial. Hoje a maioria das pessoas mora nas cidades. E as megalópoles, como Nova York⁴⁰, já não sabem como fazer com tanto lixo. Dados da ONU (1995) revelam que cada pessoa gera, durante toda a vida, uma média de 25t. de lixo.⁴¹ Mas esta cifra pode dobrar nos 27 países mais ri-

⁴⁰A prefeitura de Nova York se vê às voltas, todo o tempo, com o problema de dar fim a uma montanha de 11.000t de lixo produzidas diariamente. Quando o aterro sanitário de *Fresh Kills* foi desativado permanentemente em março de 2001, a prefeitura passou a transportar o lixo para aterros distantes em Nova Jersey, Pensilvânia e Virginia – alguns a quase 500km de distância. Tomando por base uma carga de 20t para cada uma das caçambas-reboque, são necessários cerca de 550 reboques que formam um comboio de 14km de extensão, congestionando o trânsito, poluindo o ar e elevando as emissões de carbono. Para o vice-prefeito de Nova York, Joseph J. Lhota, “a eliminação do lixo urbano, hoje, é como uma operação militar cotidiana”. Cf. Lester Brown, fundador do *WWF-Worldwatch Institute* e do *EPI-Earth Policy Institute*. In <http://www.wwiuama.org.br> acesso em: 30 mai. 2004.

⁴¹O paulistano gera 1,2kg de lixo domiciliar por dia, contra 2kg do americano e 2,8kg do japonês...Apesar de não estar na lista dos países mais preocupados com o desperdício, o Brasil é campeão na reciclagem de papelão (72% contra 65% na Europa) e de latas de alumínio (85% contra 82,5% no Japão). Mas não por necessidade ou por conscientização, e sim porque os 300 mil ca-

cos do mundo, representados na Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico-OCDE, nos quais a “produção” do cidadão comum é de 560kg de lixo urbano por ano. A Noruega, por exemplo, luta para reduzir seu fluxo de lixo e mesmo assim o norueguês comum gerou 354 kg em 2002, 7% mais que no ano anterior.⁴² Uma característica do lixo urbano, desde a década de 90, é o chamado *e-lixo*, gerado pelos equipamentos de informática, e as baterias de celulares⁴³, a respeito dos quais ninguém sabe, ao certo, ainda, o que fazer. Enquanto no caso de outros resíduos mais antigos – como as embalagens de agrotóxico – já existem normas para obrigar o fornecedor, através do varejista, a recolher o vasilhame contaminado, após o uso, no caso do *e-lixo* a obsolescência tecnológica é tão rápida que a quantidade de lixo cresce muito rapidamente, tornando-se um desafio para a reciclagem, além de serem produtos bem mais intensivos em recursos da

tadores vivem do lixo para garantir uma renda mensal de até R\$500,00. Outros materiais são pouco reciclados: apenas 21% do plástico e 38% de vidro e papel. Fonte: União Brasileira para a Qualidade-UBQ. In Folha/Ciência Online. Acesso em: 11 jun. 2004.

⁴²“Estado do Mundo – 2004”. p. 18.

⁴³Nos EUA, segundo maior mercado mundial de celulares, depois da China, os aparelhos são rejeitados depois de 18 meses de uso e o grupo de pesquisa INFORM calcula que até o final de 2005 os consumidores teriam acumulado 500 milhões de aparelhos usados que, se jogados em um aterro, poderão lixiviar cerca de 141.500 kg de chumbo. Em todo o mundo os fabricantes lutam contra as tentativas da International Telecommunication Union e de vários governos para obrigarem os fornecedores a receberem de volta o equipamento usado. Duas diretivas, da Comissão Européia, entraram em vigor em 2003, com o mais forte alerta ambiental jamais sinalizado à indústria eletrônica. Uma delas, a *Waste Electrical and Electronic Equipment* (Descarte de Equipamentos Elétricos e Eletrônicos) tornou cada empresa responsável pela coleta e reciclagem de seus novos produtos após 13 de agosto de 2005. A Nórdica tem trabalhado com cientistas acadêmicos para desenvolver plásticos e telefones biodegradáveis, que se desmontam, para fácil reciclagem, pela ação do calor. Enquanto isto a Silicon Valley Toxics Coalition, da Califórnia, está lutando para que os EUA revoguem a legislação de devolução. No âmbito internacional, a questão está sendo discutida pela Convenção da Basileia. Cf. “Estado do Mundo – 2004”. p. 149-150.

natureza que outros mais “tradicionais”. Também por se tratar de uma tecnologia recente, que inclui muito contaminante químico,⁴⁴ os locais de descarte desses equipamentos tornam-se verdadeira cilada para as pessoas que entram em contato com eles e também para o meio ambiente.

O número de computadores no mundo quintuplicou de 1988 a 2002, pulando de 105 milhões para mais de meio bilhão. Cada um desses aparelhos é uma armadilha tóxica. Um monitor típico, com tubo catódico (CTR), contém de dois a quatro quilogramas de chumbo, bem como fósforo, bário e cromo hexavalente. Outros ingredientes tóxicos incluem o cádmio, nos resistores e semicondutores do chip, berílio, nas placas-mãe e conectores, e retardadores de chama à base de bromo, nas placas de circuito e capas plásticas. Plásticos, incluindo cloreto de polivinil (PVC), compõem até 6,3 kg de um computador comum. A combinação de vários plásticos torna um desafio a reciclagem do *e-lixo* do qual provêm 70% dos metais pesados encontrados nos aterros americanos. As empresas de reciclagem preferem recolher os equipamentos usados e enviá-los para a Ásia, principalmente China, Índia e Paquistão. É o que ocorre com 50 a 80% do *e-lixo* americano, uma vez que, segundo a Agência de Proteção Ambiental dos Estados Unidos, é 10 vezes mais barato enviar monitores de CTR para a China do que reciclá-los internamente. Pela Convenção de Basel – principal acordo internacional sobre resíduos perigosos – este tipo de comércio é ilegal. Porém os Estados Unidos são o

⁴⁴Um simples microchip de 32 megabites requer pelo menos 72 gramas de produtos químicos, 700 gramas de gases elementares, 32.000 gramas de água e 1.200 gramas de combustíveis fósseis. A operação do chip durante seu ciclo de vida - cerca de quatro anos, operando três horas, diariamente – demanda outros 440 gramas de combustíveis fósseis. A massa total de materiais secundários usados na produção de um chip de duas gramas é 630 vezes a do produto final. Só para comparar, os recursos necessários para a fabricação de um automóvel pesam duas vezes o produto final. Cf. Eric D. Williams, Robert U. Ayres e Miriam Heller. “The 1.7 Kilogram Microchip: Energy and Material Use in the Production of Semiconductor Devices”. In *Environmental Science and Technology*, 15.12.02, citado por “Relatório do Mundo – 2004”, p. 52.

único país industrializado que não ratificou o documento, por isto sua exportação de materiais tóxicos continua legal e recentemente tornou-se isenta de regulamentos. Também não há regulamentos firmes nos países que recebem o lixo tóxico. Por isto, em locais de reciclagem de *e-lixo* procedente dos EUA, Japão, Coreia do Sul e Europa – como Guiyu, na China – os computadores são desmontados a martelo, formões, chaves de fenda e até mesmo “na marra”. Os trabalhadores quebram os monitores CRT para retirar o cabeçote de cobre, enquanto o resto do monitor é jogado ao ar livre ou nos rios. Os moradores do lugar agora dizem que a água tem gosto ruim, devido ao chumbo e outros contaminadores, conforme constatado e denunciado pelo Greenpeace China, em conjunto com a Basel Action Network-BAN, em dezembro de 2001 (Relatório do Mundo – 2004, p.53). Em artigo para o Relatório do Mundo – 2004, Radhika Sarin dá mais detalhes sobre o que acontece com o supra-sumo da tecnologia ocidental que chega a Guiyu como lixo:

Sem nenhuma roupa de proteção ou máscaras, os trabalhadores usam pincéis ou as próprias mãos nuas para abrir cartuchos vazios de impressoras e recolher o tonner restante em baldes, ignorando que, conforme a Xerox e Canon, o negro-de-fumo e outros ingredientes do tonner causam irritação respiratória e pulmonar. Os trabalhadores também são expostos aos vapores tóxicos da solda de chumbo e estanho quando aquecem as placas de circuito para recuperar o conteúdo de ouro dos chips, e os banhos de ácidos usados para dissolver e precipitar o ouro emitem gases de cloro e dióxido sulfúrico. Pilhas de cabos de PVC são queimadas ao ar livre, para recuperar a fiação de cobre.⁴⁵

Os Estados Unidos geram 19% do lixo do mundo, mas, a exemplo da Europa, reciclam 40%. No Brasil, apenas 28% dos re-

⁴⁵id. *ibid.*

síduos sólidos urbanos recebem algum tipo de tratamento, sendo 23% depositados em aterros controlados ou sanitários, 3% são tratados em unidades de compostagem e 2% são reciclados. Os 72% restantes das 100 mil toneladas de lixo domiciliar coletado no Brasil diariamente são depositadas em lixões a céu aberto. Ali o chorume – líquido negro gerado pela decomposição orgânica – penetra no solo, contaminando as águas subterrâneas e os rios. Além de provocarem explosões e fogo, os gases, incluindo o metano, contribuem com o efeito estufa. O mal cheiro empessteia o ar. O lixão atrai ratos, moscas, baratas e, sobretudo, gente muito pobre – adultos e crianças - que não conseguem outro meio de subsistência senão o aproveitamento de restos de comida ou de materiais que possam ser vendidos para a reciclagem. Naturalmente elas se expõem a graves riscos de saúde, ao comerem comida estragada ou contaminada, lidando com cacos de vidro, materiais pontudos, resíduos químicos e tóxicos⁴⁶. Entretanto, do mesmo modo que os países industrializados poluem mais, em toda comunidade humana as pessoas mais prósperas, economicamente, geram lixo com maior dificuldade de absorção pela natureza, como embalagens plásticas⁴⁷ que, depois de “valorizarem” o produto - em muitos casos - e de nos encherem os olhos atraindo-nos para a compra, levam 450 anos para se degradarem; latas de alumínio (200 anos); latas de conserva (100 anos); náilon (30 anos);

⁴⁶Cf. GRIPPI, S. “*Lixo: Reciclagem e sua História*”. Rio de Janeiro: Inter-ciência, 2001, p. 134. citado por TALAMONI, 2003, p. 60

⁴⁷O consumo anual de plásticos no Brasil gira em torno de 19kg, por pessoa. É um volume relativamente baixo se comparado com os índices de outros países como Estados Unidos (100kg/hab.) e a média na Europa (80 kg/hab.). Em nosso país, 15% dos plásticos rígidos e filme retornam às linhas de produção como matéria-prima reciclada, enquanto nos EUA este volume é quase cinco vezes maior. Em relação ao vidro, o Brasil produz 800 mil t/ano para embalagens, das quais 35% são recicladas, somando 280 mil toneladas por ano. Os EUA produziram 11 milhões de toneladas em 1997, das quais reciclaram 37%, correspondendo a 4,4 milhões de toneladas. A reciclagem de vidro em outros países tem os seguintes percentuais: Alemanha (74,8%), Reino Unido (27,5%), Suíça (83,9%) e Áustria (75,5%). Fonte: www.napoles.com.br/destino/quanto.htm Acesso em: 26 ago. 2004.

tampas de garrafas (15 anos); madeira pintada (13 anos); filtros de cigarro (2 anos); pano (1 ano); vidros (tempo indeterminado); pneus (indeterminado).⁴⁸

Da prancheta do *designer* ou do seu programa de Autocad, nascem as embalagens sugestivas que vão revestir os produtos a serem consumidos. Do petróleo transformado em PET ou em polímeros, chegam as embalagens rígidas e as sacolas dos supermercados e padarias⁴⁹. Da mensagem publicitária, veiculada, vem o argumento de venda. Da facilidade de crédito (cartões, cheques pré-datados sem juros, crédito direto das lojas) surge a decisão da compra complementando um processo que traz satisfação a todos os personagens envolvidos, menos um, o ecossistema, para onde o plástico volta. Que fazer com o lixo? Queimar geraria ainda mais poluição. Reciclar? Na maioria dos casos falta vontade política para gerir corretamente os programas de reciclagem. (Em Bauru - SP, por exemplo, a coleta do lixo reciclado não funciona porque há poucos caminhões e homens nessa tarefa e quando eles passam, outros coletores avulsos já reviraram os sacos nas calça-

⁴⁸Fonte: Compromisso Empresarial para a Reciclagem –CEMPRE. In: Folha/Ciência Online. Acesso em: 11 jun. 2004.

⁴⁹Em cada cinco sacos usados nos mercados, quatro são de plástico, do tipo de duas alças. [...] As primeiras embalagens plásticas para pão, sanduíches, frutas e verduras surgiram nos EUA em 1957. Sacos plásticos para lixo já estavam presentes nos lares e ao longo das calçadas de todo o mundo no final dos anos 60. Mas esses itens popularizaram-se realmente em meados dos anos 70, quando um novo processo de produção barata tornou possível para os grandes varejistas e supermercados oferecerem a seus clientes uma alternativa para os sacos de papel. [...] Fábricas em todo o mundo produziram cerca de 4 a 5 trilhões de sacos plásticos em 2002, de acordo com estimativas da Chemical Market Associates, uma firma de consultoria da indústria petroquímica. A América do Norte e a Europa Ocidental são responsáveis por 80% do consumo. Os EUA descartam, anualmente, 100 bilhões de sacos plásticos. [...] A caminho do aterro, muitos sacos são levados pelo vento. No Quênia, fazendeiros e conservacionistas reclamam contra sacos presos em cercas, árvores e mesmo nas goelas de pássaros. Em Xangai o governo estava gastando tanto com a limpeza de sarjetas, esgotos e templos antigos que lançou uma campanha para as pessoas darem nós nos sacos impedindo que fossem levados pelo vento. Cf. “Estado do Mundo – 2004”. p. 26.

das, espalhando o lixo para retirar o reciclável, o que desestimula as pessoas de fazerem a seleção).

Lester Brown, aqui citado, propõe a volta de alguns costumes do passado que podem ser incômodos para uma sociedade tão apressada e “pragmática” como a nossa, mas que ajudariam muito a evitar tanto lixo. Ele sugere que as moças e rapazes dos caixas não deviam perguntar: “Papel ou plástico?” e sim “Você trouxe a sua sacola?” , ou o seu vasilhame?. Nos EUA ainda existe a opção do enorme saco de papel como vemos nos filmes. No Brasil, nem isto. É só sacola plástica. Quem sair do supermercado com um produto nas mãos, fora da sacola plástica, pode ser barrado pela segurança. Talvez as sacolas dêem aos dirigentes dos supermercados a sensação de que o produto foi devidamente pago...Quem sabe! Aqui também, entretanto, o consumidor consciente pode lavar o seu protesto. Não faltam exemplos a respeito. Em Ladack, na Índia, no início dos anos 90, a Aliança de Mulheres e outros grupos de cidadãos instituíram o dia 1º de Maio como o Dia da Proibição do Plástico. O exemplo foi seguido por Bangladesh. Em janeiro de 2002 o governo da África do Sul conseguiu uma redução de 90% no uso de sacos plásticos ao exigir a fabricação de sacos mais resistentes e mais caros. No mesmo ano a Irlanda criou um imposto de 15 centavos por saco, a partir de março, levando a uma redução de 95% no uso. Há estudos para a taxação também na Austrália, Canadá, Índia, Nova Zelândia, Filipinas, Taiwan e Reino Unido. A mercearia comunitária Weaver Street Market, na Carolina do Norte, passou a vender sacolas de lona com desconto.⁵⁰

Ao tratar da difícil questão de dispor o lixo urbano com tanto plástico, José Lutzenberger adverte: “Uma sociedade que fosse racional em termos de uso justo de recursos naturais finitos não produziria o tipo de lixo que produz hoje”...[diante] dos elevados custos envolvidos na disposição final que não deixa qualquer lucro para as administrações municipais. Ainda segundo Lutzenberger,

⁵⁰Cf. id., ibid.

as duas soluções oferecidas são as fábricas de compostagem e as usinas de incineração. Mas as incineradoras exigem investimentos de US\$20.000 por tonelada/dia e o custo de operação é de US\$10 a US\$20 por tonelada. Não se recicla nada. Em alguns casos, na Europa, o calor da incineração é usado para calefação de bairros contíguos ou para geração de energia elétrica. Mas a produção de energia é pequena e não cobre os gastos. Sobra a cinza que, por conter metais pesados, não pode ser usada como adubo mineral. É levada para aterros. As usinas exigem chaminés muito altas, onde o escape do efluente gasoso, além de causar os mesmos problemas que ocorrem nas fornalhas das usinas térmicas comuns, como a chuva ácida, por exemplo, lança substâncias tóxicas na atmosfera como a dioxina. (LUTZENBERGER, 2004, p. 35).⁵¹

O que fazer?

Segundo o ex-ministro do meio ambiente, o melhor seria adotar soluções humanas, de tecnologia branda e respeito ecológico:

Por que não aproveitar a mão-de-obra já existente no lixão, mas melhorando substancialmente suas condições de trabalho, provendo os catadores de macacões, luvas, botas e ferramentas? No local poderiam ser instalados WCs e chuveiros e construídas choupanas simples, com telhados de palha, com mesas e locais de repouso e para pernoite. Assistentes sociais coordenariam o trabalho. O comércio dos produtos catados seria igualmente disciplinado. Os catadores ganhariam o suficiente para não mais terem de comer lixo. O próprio lixo seria despejado pelos caminhões de forma a facilitar o trabalho dos catadores, ao invés de passarem o trator como se faz

⁵¹ *Manual de Ecologia: Do jardim ao poder*, 2004, p. 35.

hoje, enterrando e aplastando o material. Um administrador motivado e inteligente poderia organizar o despejo dos caminhões. Às vezes chegam caminhões só com restos de jardins que poderia ir direto para a compostagem, onde fica o lixo orgânico que sobra da catação.(LUTZENBERGER, 2004, p. 41-42).⁵²

O modo humano como Lutzenberger vê o problema poderia envolver a própria comunidade para que colaborasse, separando o lixo reciclável (cobrando eficiência na coleta ou organizando cooperativas bem administradas) e preferindo produtos cuja embalagem cause menos danos ambientais. Não haverá publicidade que dê jeito quando as pessoas começarem a tomar a atitude de dizer “*basta, agora eu assumo o controle da minha vida, portanto do meu consumo, porque isto interessa ao meu planeta, aos meus filhos, aos meus netos*”. Esta é a atitude do ser humano globalizado, que se percebe integrado a um ecossistema planetário de vida. Não temos o direito de semear a morte (com nosso lixo) nesse sistema de vida. Nós mesmos pagaremos o preço se a nossa consciência não despertar em tempo. E o tempo é agora.

Como o plástico já se incorporou aos hábitos dos consumidores, algumas empresas estão investindo no plástico biodegradável que se decompõe em até 18 meses em contato com o ar, a água e o sol. No Brasil essa tecnologia inédita pertence à rEs Brasil, criada em 1997, que também distribui matéria prima de origem 100% vegetal para fabricação de artigos biodegradáveis e compostáveis. A empresa já investiu 200 mil euros em pesquisas. No mundo todo, entretanto, apenas 1% do plástico produzido é biodegradável.⁵³ Os plásticos rígidos e flexíveis representam a principal matéria prima utilizada no Brasil pelo mercado de embalagens: cerca de 37% da produção nacional, contra 21% das metálicas e 6% do vidro, entre outras.

⁵²id. p. 41- 42.

⁵³Fonte: Associação Brasileira de Embalagem – ABRE. In www.conhecerparaconservar.com.br Acesso em: 30 dez. 2004.

Hoje as embalagens de plástico biodegradável ainda são 30% mais caras, mas o diretor-superintendente da rEs Brasil, Eduardo Van Roost, avalia que elas deverão se popularizar na mesma velocidade do aumento do consumo ecologicamente correto e socialmente responsável, caindo, então, seu custo comparativo com as embalagens de plástico convencional para algo em torno de 15%. A empresa já conta com três parceiras que adquirem seus produtos e fabricam sacolas de supermercados. Uma é a Sol Embalagens (fornecedor do Pão de Açúcar, Carrefour e Wal-Mart). A outra é a Antilhas Soluções Integradas para Embalagens (fornecedor da rede O Boticário). A terceira é a Nobelplast (que fabrica sacolas e envelopes de segurança para os bancos e os Correios).

Outra boa notícia na área ambiental, relacionada com as embalagens plásticas, foi a inauguração, em maio de 2005, em Piracicaba-SP, de uma unidade fabril dotada de um processo tecnológico, inédito no mundo, capaz de fazer a separação total do plástico e do alumínio que fazem parte das paredes das embalagens longa-vida. Com 2,2 mil metros quadrados de área construída, a fábrica consumiu investimentos de R\$12 milhões e sete anos de pesquisa, resultantes de parceria entre a Alcoa, que produz alumínio; a TSL, de engenharia ambiental; a Klabin, produtora de papel, e a Tetra Pak, fabricante das embalagens, segundo informa a Revista Pesquisa FAPESP. Por enquanto o Brasil recicla apenas 25% das 160 mil toneladas de embalagens longa-vida utilizadas para acondicionar leite, sucos, massa de tomate, água-de-coco etc.⁵⁴

Além dos grandes projetos, é necessário divulgar, valorizar e incentivar tantas outras iniciativas comunitárias, oficiais ou até mesmo estudantis que ajudam a formar consciência, sobretudo entre as crianças e os jovens. Em Bauru-SP, um projeto dos alunos da Universidade do Sagrado Coração-USC, propôs, em 2004, o retorno do uso da “caneca individual” nas empresas e repartições em substituição aos copos plásticos de água e café. Em 05/09/2005, o presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva,

⁵⁴Cf. www.ambientebrasil.com.br – Acesso em: 21 ago. 2005.

inaugurou, em Belo Horizonte, uma unidade industrial que reaproveitará 3,6 mil toneladas de plásticos por ano que iriam para aterros sanitários, ao participar, juntamente com a ministra do Meio Ambiente, Marina Silva, da abertura do 4º Festival Lixo e Cidadania promovido pela Associação dos Catadores de Materiais Recicláveis.⁵⁵ Em São Paulo a ONG Organização Auxílio Fraterno – OAF criou, em 1997, uma oficina para produzir móveis e objetos de decoração a partir de materiais vindos do lixo, com apoio da irmã Ivete de Jesus, reunindo moradores de rua num galpão do centro da cidade. A oficina trabalha com 35 pessoas que, com pesquisa e criatividade, transformam ferro, pneus, caixotes, garrafas etc em artigos de boa qualidade, como diz Ivete.⁵⁶ Retornando a Bauru, onde são coletadas 200t de lixo por dia, um projeto dos alunos de Engenharia de Produção, da Unesp, instalou lixeiras experimentais em prédios da cidade para incentivar os moradores a se decidirem a separar o vidro, o papel, o plástico e os metais do lixo, facilitando a reciclagem. O projeto é coordenado pelo prof. Jair Wagner de Souza Manfrinato.

Por todo o Brasil – e também pelo mundo – há milhares de exemplos que atestam o crescimento da consciência ambiental, muitas vezes silenciosamente. Por isto a mídia convencional não pode deixar apenas para a Internet a tarefa de valorizar as iniciativas populares, pois os sites ambientais não contam com verbas de publicidade, pelo menos enquanto a Internet ainda atinge apenas 10% da população brasileira. Naturalmente isto vai mudar.

Se nosso propósito é educar para o consumo sustentável, podemos concluir este artigo relacionando outras boas iniciativas que estão em andamento, em todo o mundo, a favor do “consumo justo”. São exemplos que servem para nos ajudar a não perder a esperança diante de tantos problemas. Os seres humanos que se lançam contra a corrente com disposição para pensar diferente e romper paradigmas nefastos, como o do consumismo, são amigos

⁵⁵Cf. www.ambientebrasil.com.br – Acesso em: 4 set. 2005.

⁵⁶Cf. www.ambientebrasil.com.br – Acesso em: 5 ago. 2005.

da natureza. São amigos do meio ambiente. E cada um de nós pode dar a sua contribuição.

4 Os Amigos do Meio

O marco inicial para a conduta de quem quer repensar o comportamento do homem em relação à natureza é fugir da cômoda mania de achar que o único responsável por tudo é o governo. Ou “os outros”.

Quem estuda a Teoria Geral dos Sistemas não pode se sentir numa ilha, isento de responsabilidades e de compromissos sociais.

Todos, ricos e pobres, cada qual segundo a gravidade dos males causados ao meio ambiente, são responsáveis por um mundo melhor para a futura geração. Por isto toda e qualquer contribuição é bem vinda, desde sentir vergonha de jogar lixo pela janela do carro (estejam ou não outras pessoas vendo, pois a natureza “vê” sempre, mesmo nas estradas mais desertas), até sentir remorso de cantar sob o chuveiro quente, manter a torneira aberta enquanto escova os dentes ou lava as panelas, ou mesmo conferir a origem e constituição dos produtos consumidos, optando pelos que têm embalagens bio-degradáveis. Mas, pressionar, democraticamente, os governantes para que produzam leis que obriguem ao comércio justo, é totalmente válido, pois isto é cidadania, é civismo.

Também é importante, cada qual segundo as suas posses, apoiar o esforço de ONGs e veículos ambientais que, através de congressos, eventos, publicações etc trabalham como verdadeiros guardiões da natureza, portanto em nosso legítimo interesse.

Infelizmente a Secretaria de Comunicação da Presidência da República, responsável pela distribuição das verbas de publicidade, não reconhece o esforço da mídia ambiental que já atinge milhares de brasileiros e milhões de pessoas no mundo, através da Internet, realizando um trabalho sério e admirável, no que se

refere à conscientização e à cidadania, exatamente por atingir os formadores de opinião.

Os programas de rotulagem, por exemplo, são uma boa ajuda para orientar o consumo consciente e o comércio justo. Infelizmente, mesmo nos países desenvolvidos, eles informam bem menos do que deviam. No caso da energia, por exemplo, citam o consumo direto que o equipamento exigirá em sua vida útil, mas não citam a energia plena incorporada dificultando a comparação de um produto com outro.

Também os programas de certificação⁵⁷ podem nos ajudar a consumir melhor. Eles são visíveis na forma dos já conhecidos - em alguns países - selos de “comércio justo”, como ocorre com o selo da Fundação Max Havelaar, da Holanda, que certifica, desde os anos 80, o café originário de plantações onde o trabalhador recebe a justa remuneração para uma vida decente, tem acesso a requisitos básicos de segurança, tem o direito de se organizar em cooperativas, entre outras condições sociais e ambientais favoráveis. Em 1993 a fundação passou a certificar também o chocolate; o mel, em 1995; a banana, em 1996; o chá, em 1998. Nos

⁵⁷Somente no ano passado [2004], consumidores de países ricos gastaram mais de 1,2 bilhão de dólares comprando produtos cujos fabricantes [ou produtores] comprovadamente coíbem abusos trabalhistas e ambientais. Esses produtos levam o selo da Fairtrade Labelling Organization (FLO), instituição internacional que certifica fabricantes ao redor do mundo que se comprometem a cumprir regras "solidárias- uma espécie de cartilha politicamente correta aplicada ao comércio internacional. As exigências do sistema de *fairtrade* são:

1. Criar associações democráticas que reúnam os produtores.
2. Ser transparente na prestação de contas.
3. Não discriminar nem mulheres nem índios.
4. Reduzir o uso de agrotóxicos.
5. Abolir o trabalho forçado.
6. Não empregar crianças.
7. Criar empregos com carteira assinada.
8. Ter condições de trabalho saudáveis e seguras.

Fonte: BSD-Desenv. Econ. e Social (Consultoria especializada em comércio justo e responsabilidade social e empresarial. Representante da FLO no Brasil). Cf. Revista **Veja**, São Paulo, 9 nov. 2005.

EUA a United Fruit Workers desenvolve uma campanha de “maçã justa”, que é um programa de colaboração entre os supermercados e os trabalhadores da maçã, muitos dos quais imigrantes recém-chegados sem direito a salário, direito de organização e acesso aos benefícios sociais. No Reino Unido a Associação do Sol e os agricultores mantém um programa de colaboração para estender a distinção de “comércio justo” a produtos agrícolas locais, argumentando que os caprichos do mercado livre e a consolidação do agronegócio causaram às áreas rurais da Grã-Bretanha os mesmos danos provocados na África.

As pessoas que optam por fazer uma declaração política quando comem são aquelas que se informam a respeito de tais programas e que se organizam, em suas comunidades, para apoiar e ampliar os programas de certificação, cujo critério mais elementar é a transparência, a competência e a seriedade como sinônimos de valoração ética e de solidariedade humana. Quanto mais rápido crescer o número de pessoas conscientes que optam pelos alimentos orgânicos e pelos selos de qualidade ambiental, mais rápido decrescerá o preço desses produtos, regra básica da lei de oferta e procura. Agindo assim, essas pessoas estarão se certificando de que podem consumir sem consumir o planeta onde vivem. Prestar atenção em selos como “criado a pasto” para a carne bovina; “peixe sustentável” para frutos do mar; “benéfico às aves” para café, cacau e lavouras tropicais; “manejo sustentável” para madeiras da Amazônia; “Fundação Abrinc” para os brinquedos brasileiros, bem como preferir produtos com embalagens menos poluentes são distinções que caracterizam o consumidor proativo e inquisitivo que se comporta como “comedor ativista”, mesmo quando não se dispõe a aderir a dietas mais radicais. Isto quer dizer que todos podem dar a sua parcela de contribuição em maior ou menor medida, sem necessidade de se revoltar contra os alertas dos ambientalistas.

Outra atitude lúcida e consciente, além de optar por alimentos produzidos sem agrotóxico, é dar preferência aos alimentos produzidos localmente, que não precisam viajar grandes distâncias

para chegar até nossa mesa. Quanto mais um produto viaja, mais ele gera poluentes para a natureza, inclusive gases do efeito estufa.⁵⁸ Na Índia existem mais de três mil “Zonas de Liberdade” criadas pelo cientista e ativista Vandana Shiva. São regiões de culturas livres de agrotóxico, de insumos corporativos, de sementes híbridas, de sementes transgênicas e de patentes. Os governos podem encorajar as economias agrícolas domésticas preferindo, nas concorrências públicas, os alimentos locais e limpos para o abastecimento de hospitais, restaurantes públicos, merenda escolar etc.

Os governos também podem incentivar o consumo sustentável impondo taxas crescentes aos produtos e atividades poluentes ou ao excesso de consumo de bens como energia e água. No caso da água, o desperdício com os vazamentos é motivo de críticas em todo o mundo. O movimento ambientalista internacional também recomenda a luta das comunidades contra os processos de privatização que vão transformando a água em mercadoria para poucos.

Cabe ainda aos governos abrir mão de alguma receita para fiscalizar e punir práticas desumanas relacionadas com o comércio dos alimentos de luxo, como no caso da sopa de barbatana de tubarão – iguaria venerada na cozinha chinesa desde 960 d. C. – que pode ser vendida até a US\$ 400 o quilo, representando o extermínio de 100 milhões de tubarões a cada ano: os caçadores capturam e cortam as barbatanas com os tubarões ainda vivos, lançando-os de volta ao mar onde morrem afogados ou de hemorragia. Nos EUA, na Grã-Bretanha e na Holanda defensores do

⁵⁸O item alimentar comum, nos Estados Unidos, viaja 2.500 a 4.000 quilômetros, cerca de 25% mais longe do que em 1980. No Reino Unido os alimentos viajam 50% mais que há duas décadas. A Grã-Bretanha come morangos da Califórnia, brócolis da Guatemala, carne bovina da Austrália, batatas da Itália, vagens da Tailândia, cenouras da África do Sul, mirtilo da Nova Zelândia etc. Uma refeição “tradicional” domingueira na Grã-Bretanha, feita com ingredientes importados, gera quase 650 vezes mais emissões de carbono relacionadas aos transportes que a mesma refeição produzida localmente. Cf. “Estado do Mundo – 2004”, p. 100.

bem-estar dos animais fazem campanhas para que *chefs*, nos restaurantes, retirem o *foie gras* de seus cardápios. A Convenção sobre Comércio Internacional de Espécies da Fauna e Flora Silvestre Ameaçadas de Extinção solicitou um sistema universal de rotulagem de caviar que os americanos ricos importam à base de 40.000kg por ano apesar do preço de até US\$2.000 o quilo.⁵⁹ Em 2002, cedendo à pressão de grupos de direitos animais e saúde pública, a rede McDonald's anunciou que não mais compraria ovos de galinhas confinadas e forçadas à postura adicional por inanição e que, a partir de 2004, não compraria frangos de criadores que utilizam antibióticos para promover o crescimento artificial. Na Lituânia o governo estimula os agricultores a abrirem mão de produtos químicos porque os fertilizantes e pesticidas contaminaram os lençóis freáticos na região norte de Karst, epicentro da produção agrícola do país. Em 2001 o Banco Mundial mudou os critérios de financiamento de projetos pecuários de porte nos países em desenvolvimento, adotando uma “abordagem focada nas pessoas” que assegure a sustentabilidade ambiental, a segurança alimentar e o bem-estar animal. A empresa de consultoria Organic Monitor constatou que as vendas globais de alimentos orgânicos cresceram 10% de 2001 para 2002, ano em que atingiram a cifra de US\$ 23 bilhões nos negócios internacionais. Hoje os agricultores perdem uma parcela muito maior de suas safras – em relação a 50 anos atrás – porque as pragas têm demonstrado uma impressionante capacidade de se desviar, resistir e evoluir frente aos pesticidas. Pesquisadores da Universidade Estadual de Iowa descobriram pelo menos quatro espécies de ervas daninhas comuns que desenvolveram resistência ao herbicida *Roundup*, produto usado em lavouras transgênicas há menos de uma década.

⁵⁹Caviar é a ova não-fertilizada da fêmea do esturjão e, mais recentemente, do salmão, da espátula e outras espécies que se popularizaram quando as populações do esturjão encolheram. Técnicos pesqueiros estimam que todas as espécies de esturjão estão sob algum tipo de ameaça de extinção e que o esturjão beluga, a fonte mais famosa de caviar, talvez não mais se reproduza na natureza. Cf. “Estado do Mundo – 2004”, p. 86.

Quem se expõe a pesticidas corre risco de contrair certos tipos de cânceres, distúrbios do sistema imunológico, doença mental etc. No entanto, o pesticida mais vendido na Índia é o monocrotofós, altamente nocivo ao sistema neurológico, cujo registro foi cancelado nos Estados Unidos em 1988 (Cf. “Estado do Mundo”, p. 98).

Em todo o mundo os consumidores conscientes examinam a procedência dos produtos à base de cacau⁶⁰ porque se no Brasil ele é cultivado sob floresta nativa rala, como na Bahia, por exemplo, em muitos outros lugares o plantio de cacau faz o mesmo estrago que a soja faz na região amazônica, provocando o desmatamento de vastas áreas, conforme se dá na Indonésia, na Costa do Marfim, na África Ocidental etc. Na Costa do Marfim há denúncias de trabalho escravo que envolve mulheres, crianças e migrantes.

Outro alimento fino que vem atraindo a atenção dos Ministérios do Meio Ambiente e as denúncias dos ambientalistas, em todo o mundo, é a pesca e a criação de camarão⁶¹, o que também exige um programa adequado de rotulagem para orientar o consumir consciente, pois trata-se de uma indústria altamente destrutiva. As traineiras varrem o leito do mar, destruindo o *habitat* e escavando o que esteja no caminho das redes. Tartarugas, peixes e outras espécies marinhas são jogados mortos de volta ao mar como “pesca indesejada”. Nas regiões temperadas a pesca indesejada guarda uma relação de 5:1 com o camarão, mas nas regiões tropicais a relação chega a 10:1. Em 1989, com o crescimento da

⁶⁰No varejo, o negócio do chocolate vale de 42 a 60 bilhões de dólares, anualmente, dependendo de como o “produto chocolate” é definido. Cf. “Estado do Mundo – 2004”, p. 112.

⁶¹A China é o maior produtor mundial de camarão, com 1,2 milhão de toneladas em 2000, mais que o dobro de uma década atrás. Mas o país que mais exporta camarão é a Tailândia. Os Estados Unidos são o principal cliente, seguido do Japão, desde que, em 2001, o camarão substituiu o atum enlatado como a primeira escolha em frutos do mar nos pratos americanos. Mas o maior consumo *per capita* é do Japão: 3 kg por pessoa. Em 2000, só o Japão e os Estados Unidos importaram US\$ 7 bilhões em camarão.

demanda, criatórios de camarões floresceram ao longo do litoral em todo o mundo, produzindo um quarto da safra mundial. Instaladas em manguezais nativos, as fazendas de camarão jogam grande quantidade de lixo altamente tóxico diretamente no oceano, além de extirparem os mangues. As fazendas envolvem confisco de terras, intimidação violenta de pescadores locais e até assassinatos. Os investidores mantêm pouco ou nenhum laço com as comunidades locais. Segundo o advogado ambiental indiano Vandana Shiva, uma fazenda de camarão cria talvez 15 empregos na própria fazenda e 50 empregos em segurança ao redor do empreendimento, enquanto desloca 50 mil pessoas pela perda da terra e abandono da agricultura e da pesca tradicionais.⁶² Um consórcio envolvendo o Banco Mundial, a Organização das Nações Unidas para Alimentos e Agricultura-FAO e o Fundo Mundial para a Natureza está explorando normas de certificação ambiental para a aquíicultura. No mundo todo grupos ambientais comunitários estão se unindo para promover uma cultura mais ecologicamente segura do camarão, como o Sea Turtle Restoration Project, nos EUA e o Projeto de Ação nos Manguezais, no Sri Lanka.

Na Alemanha, o primeiro e mais abrangente programa de rotulagem – o Anjo Azul – já completou 25 anos de atividades e o número de produtos cobertos cresceu de 100 em 1981 para 3.800 hoje, como informam Brian Halweil e Danielle Nierenberg no artigo “Rumos para uma Economia Menos Consumista (Estado do Mundo – 2004, p.120). Também na Alemanha, segundo eles, um “ecoimposto” sobre formas diferenciadas de consumo de energia foi introduzido em 1999, com quatro aumentos anuais subsequentes, o que ajudou a evitar emissões de mais de 7 milhões de toneladas de dióxido de carbono (CO₂). Em todo o mundo a intenção é que a receita “ecofiscal” seja aplicada no alívio do ônus fiscal que hoje onera as folhas de pagamento e prejudica a geração de novos empregos.

Ao mesmo tempo, projetos de reengenharia empresarial contemplam a parceria sistêmica entre empresas cujos produtos ge-

⁶²Cf. “Estado do Mundo – 2004”, p. 115.

ram resíduos que podem ser reaproveitados entre elas, de tal modo que o lixo de uma torna-se insumo de outra, num sistema de laço fechado em que a modalidade “berço-a-túmulo” da ortodoxia industrial, cede lugar ao modelo alternativo “berço-a-berço”.⁶³ Esse sistema, aplicado ao nível do consumidor, pode mudar o estilo do consumo, pois o produto seria visto como “produto de serviço”, isto é, ao final de sua vida útil, o produto retornaria para o “berço” da fábrica (para ser reprocessado, como se faz com os cartuchos de tonner) ao invés de ir para o “túmulo” do lixo. Assim haveria mais pessoas – além dos governos – tentando resolver os graves problemas ligados à gestão do lixo. Esse sistema é comum na União Européia e já existe na Alemanha, desde 1991, onde é conhecido como Princípio de Responsabilidade do Produtor –PRP, na forma de regulamentações governamentais que obrigam o produtor a receber o produto de volta. Outro resultado positivo é a redução do índice de obsolescência dos produtos, porque neste caso o produtor estará interessado no contrário, isto é, na longevidade do produto, portanto no seu bom funcionamento e na durabilidade. Também seria uma forma de combater a concorrência desleal de produtos chineses⁶⁴ que utilizam mão de obra barata para inundar o mercado mundial com produtos reconhecidamente de baixa qualidade.

Entretanto, a indústria exerce forte influência nos governos

⁶³Por exemplo, o gás natural que queimava nas torres da maior refinaria da Dinamarca está sendo usado como insumo numa fábrica de papelão; cinza em suspensão, dessulfurizada, de uma termelétrica a carvão (também a maior do país), é destinada a uma fábrica de cimento; e lodo de uma indústria farmacêutica, contendo nitrogênio e fósforo, é utilizado como fertilizante por agricultores vizinhos. Cf. “Estado do Mundo – 2004”, p. 129.

⁶⁴A China surgiu como um grande produtor de bens de consumo baratos. Seu superavit comercial com os Estados Unidos disparou de pouco mais de US\$ 10 bilhões em 1990 para US\$ 103 bilhões em 2002. Até o México, há muito um polo de fábricas de baixo custo, vê-se cada vez mais incapaz de competir, uma vez que os salários na China são, em média, apenas um quarto do que se paga nesse país. De 2001 para cá, um sétimo das indústrias de exportação mexicana, as *maquiladoras*, fecharam. Cf. “Estado do Mundo – 2004”, p. 122.

para derrubar as leis de devolução. Na Alemanha o setor de varejo está minando uma tentativa ambiciosa de exigir a devolução de todas as garrafas e latas de bebida e desencorajar o uso de descartáveis.⁶⁵

No que se refere ao consumo de energia, governos de todo o mundo estão incentivando a instalação de tetos solares nas residências e de restritores de consumo nos chuveiros, ou financiando programas de substituição de vasos sanitários antigos por outros mais modernos, com descarga rápida, além da instalação de controladores de tempo nas torneiras dos locais públicos (como aeroportos, rodoviárias, *shoppings* etc) ou mesmo de aeradores (“peneirinha”) nas torneiras das cozinhas domésticas. Até a “parede verde” (com plantas trepadeiras) é estimulada em edifícios da Alemanha como forma de reduzir o calor e, assim, o consumo de energia com refrigeração. São milhares de iniciativas, em todo o mundo, a favor do meio ambiente, sem contar fóruns, palestras, cursos, publicações editoriais, manifestações, debates etc que se estabelece de forma crescente na sociedade e na mídia diante da enormidade da crise ambiental.

5 Conclusão

Apesar do imperativo consumista que caracteriza nossa época, não podemos perder a esperança de continuar buscando um outro paradigma, mais condizente com a própria felicidade do homem enquanto Ser entropicamente vocacionado para o Bem, a Perfeição, a Unificação. Neste artigo vimos alguns exemplos dos malefícios resultantes do consumo exagerado e supérfluo. Observamos quanto o comportamento consumista sobrecarrega o ecossistema e aquece o clima do planeta, questionando-nos sobre o que poderá acontecer se nada mudar, se nada for feito, se o consumo não for mais consciente, se não desenvolvermos uma visão sistêmica sobre a integração de todas as coisas como meios de produção,

⁶⁵id. *ibid.* p. 134.

hábitos de consumo, legislação de apoio aos movimentos preservacionistas etc. Também vimos, entretanto, que, embora no silêncio de suas convicções, sem a merecida e necessária divulgação, muitas pessoas e muitos grupos, por todo o mundo, estão trabalhando, ininterruptamente, em favor de um outro paradigma que contempla a cultura da paz, da compreensão entre os povos, da inutilidade das guerras, da vida simples, da solidariedade humana, afinal, por um mundo melhor. Os jornalistas, os comunicadores em geral, são convidados a dar a sua contribuição pautando mais e melhor a questão ambiental, ajudando as pessoas a refletirem mais sobre seus hábitos de consumo. Os próprios empresários dos meios de comunicação já revelam sensibilidade com a questão quando inserem nos intervalos da programação eletrônica, por exemplo, pequenas chamadas, sem custos, a favor da preservação ambiental, para que não se entupam os bueiros das cidades com lixo, que não se jogue lixo em terrenos baldios, que se tenha comportamento solidário com os idosos, os portadores de alguma deficiência etc. Afinal, quando está em jogo a sobrevivência da própria vida na Terra, nada, nem mesmo a perda de algum lucro financeiro, pode justificar um comportamento omissivo de cada um de nós, seja produtor de conteúdos, seja receptor desses mesmos conteúdos. Quando a casa está em perigo, todos devem se empenhar na recuperação das fundações para que o telhado não nos caia na cabeça. Todos, sem distinção.

6 Bibliografia

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL-CNBB.
Água, Fonte de Vida. Manual da Campanha da Fraternidade.
São Paulo: Salesiana, 2004.

FURTADO, C. *O Mito do Desenvolvimento Econômico*. Col. Leitura. São Paulo: Paz e Terra, 1974.

HOBBSAWM, E. *Era dos Extremos – O Breve Século XX –*

1914-1991. Trad. de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HÖSLE, V. e NORA K. *O Café dos Filósofos Mortos*. Trad. de Salvador Pane Baruja. São Paulo: Angra, 2001.

LUTZENBERGER, J. *Manual de Ecologia – Do Jardim ao Poder*. V.1. Porto Alegre: L&PM, 2004.

MORIN, E. *O Problema Epistemológico da Complexidade*. Lisboa: Europa-América, [s.d.].

TALAMONI, J. L.B. e SAMPAIO, A. (orgs.) *Educação Ambiental – Da prática pedagógica à Cidadania*. São Paulo: Escrituras, 2003.

REVISTA ÉPOCA. São Paulo, 22 nov.. 2004, p. 92-93.

REVISTA VEJA. São Paulo, 9 nov. 2005.

REVISTA SUPERINTERESSANTE. São Paulo, dez. 2000.

Internet

AGÊNCIA DE NOTÍCIAS FAPESP – www.agencia.fapesp.br

AMBIENTE BRASIL – www.ambientebrasil.com.br

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMBALAGENS –

www.conhecerparaconservar.com.br

BBC-BRASIL – www.bbcbrasil.com.br

BROWN, L. – www.wwiuma.org.br

ESTADO DO MUNDO 2004 – www.wwiuma.org.br

FOLHA CIÊNCIA ON LINE – www.folhaonline.com.br

GALEANO, E – www.envolverde.com.br

HALWEIL. – www.wiuma.com.br

INSTITUTO AKATU – www.akatu.org.br

PORTAL DA FAMÍLIA – www.portaldafamilia.org

PRADO, A. C. – www.bonsventos.com